



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O USO DO COMPUTADOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

FÁBIO RICARDO MEIRA

BRASÍLIA, MARÇO DE 2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O USO DO COMPUTADOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

FÁBIO RICARDO MEIRA

BRASÍLIA, MARÇO DE 2015

FÁBIO RICARDO MEIRA

O USO DO COMPUTADOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora MSc..Leda Fiorentini .

Comissão Examinadora:

Profa. MSc. *Leda Maria Rangearo Fiorentini* (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. *Renato Hilário dos Reis*

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. MSc. *Ericler Oliveira Gutierrez*

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Brasília-DF, 16 de MARÇO de 2015.

HOMENAGEM

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pois sem Ele eu nada seria. Aos meus pais, irmãos e namorada que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e todos os ensinamentos e momentos no qual me apoiei em minha espiritualidade para concluir meus estudos e seguir minha carreira profissional.

À minha família, que esteve presente em todas as conquistas e, sobretudo, em todas as dificuldades, em especial meus pais Sérgio Gonçalves Meira e Neide Ricardo de Jesus Meira pelo apoio e carinho e principalmente pelos investimentos em minha educação. Aos meus irmãos Bruna, Luciana e Vitor pelo carinho e compreensão dos dias cansativos de trabalho e estudo e as conversas animadas ao fim do dia.

À minha namorada Caroline Poly Chrissante que me incentivou na escolha deste curso e que, ao meu lado, construiu diversos conhecimentos durante essa jornada de 5 anos que foi a graduação e me ajudou a compreender vários dos conceitos presentes neste Trabalho de Conclusão de Curso, sempre com muito diálogo e principalmente carinho, amor e atenção.

A todos os amigos que acompanharam minha história na UnB e sempre que possível me incentivaram a continuar e nunca desistir dessa árdua missão que é a docência.

À professora Leda Fiorentini, que me ajudou nesta caminhada e sempre com muito respeito e compreensão me incentivou a prosseguir em minha pesquisa.

À professora Ericler Gutierrez e ao professor Renato Hilário pela contribuição mais que qualificada à banca do presente trabalho, meu muito obrigado.

Aos funcionários da UnB que sempre foram bastante prestativos em seu trato com minha pessoa.

À Universidade de Brasília que me proporcionou uma graduação riquíssima e gratuita na qual pude crescer não só profissionalmente, mas como Ser humano também, construindo meu caráter e me preparando para o futuro.

E finalmente aos meus mestres com quem pude ter o prazer de aprender durante esses 5 anos de graduação, em especial: Leda Fiorentini, Renato Hilário, Sônia Marise, Cátia Piccolo, Bianor Domingues, Ana Teresa Reis da Silva, Edeilce Buzar, Silvia Ester Orrú, Célio Pinheiro, Cleide Maria Quevedo Quixadá Viana e outros que me engrandeceram com seus conhecimentos e exemplo.

MEIRA, Fábio Ricardo. *O uso do computador na educação de jovens e adultos*. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2015.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal refletir sobre os desafios e os benefícios da utilização do computador na educação de jovens e adultos. Para alcançar este objetivo, este trabalho apresenta o relato das experiências vivenciadas durante os estágios supervisionados que ocorreram ao longo dos Projetos 4 Fase 1 e Fase 2 de estágio supervisionado de magistério e conhecimentos adquiridos em diversas disciplinas durante o curso de Pedagogia na UnB.

A experiência vivida durante o Projeto 4 Fase 1, ocorreu em uma instituição filantrópica nos meses de janeiro a junho de 2014, e tem como público-alvo jovens e adultos com deficiência intelectual e deficiências múltiplas. Essa instituição tem como objetivo principal a capacitação desses alunos para o mercado de trabalho.

Na experiência vivenciada no projeto 4 Fase 2, que ocorreu de setembro a dezembro de 2014, a escola escolhida foi observada no período noturno, onde o público atendido era constituído de jovens e adultos. Foi possível notar que este público, de uma maneira geral, mostra bastante receio em utilizar o computador, por ser um tipo de aprendizado diferente.

Diante dessas realidades foi possível observar que o computador tem se mostrado a cada dia uma ferramenta que proporciona experiências únicas para os alunos, mesmo que com algumas dificuldades. O trabalho demonstra ainda que o uso do computador, seja ele técnico ou ligado aos conteúdos, têm se mostrado importante ferramenta educacional de promoção da inclusão social e digital e emancipadora de jovens e adultos. Foi possível destacar também a contribuição na prática docente libertadora a partir de aulas menos técnicas e mais colaborativas com o uso do computador, contextualizadas e em sintonia com as necessidades e experiências dos estudantes.

Palavras-chave: Uso do computador, ferramenta educacional, tecnologia educacional, Educação de Jovens e Adultos (EJA).

MEIRA, Fábio Ricardo. *The use of computers in adult and youth education*. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Work Course Final), 2015.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the challenges and benefits of computer use in youth and adult education. To achieve this goal, this paper presents the account of experiences during the supervised training that occurred over the Project 4 Phase 1 and Phase 2 of supervised teaching internship and knowledge from various disciplines in the Faculty of Education at UNB.

The experience during the Phase 1 Project 4, occurred in a philanthropic institution in the months from January to June 2014, and its young target audience and adults with intellectual disabilities and multiple disabilities. This institution aims to train these students for the job market.

In the lived experience in project 4 Phase 2, which took place from September to December 2014, the chosen school was observed at night, where the attended public consisted of young people and adults. We observed that the public, in general, show very fear of using the computer to be a different kind of learning.

Given these realities we observed that the computer has proven every day a tool that provides unique experiences for students, even if with some difficulties. The work also shows that computer use, be it technical or linked to content, have been important educational tool to promote social and digital inclusion and youth and adult emancipatory. Could also highlight the contribution in liberating teaching practice from classes less technical and more collaborative with computer use, contextualized and attuned to the needs and experiences of students.

Keywords: Computer use, educational tool, educational technology, Youth and Adult Education (EJA).

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

(Paulo Freire)

Sumário

HOMENAGEM.....	iv
AGRADECIMENTOS.....	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
SUMÁRIO.....	ix
ABREVIATURAS, CONVENÇÕES E TERMOS USADOS.....	10
PARTE I - TRAJETÓRIA EDUCACIONAL OU MEMORIAL.....	11
PARTE II - MONOGRAFIA: O USO DO COMPUTADOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	15
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.....	16
1. Justificativa	16
2. Problemas de estudo.....	17
3 Objetivos.....	18
4. Organização do Texto.....	18
CAPÍTULO II: REFLEXÕES SOBRE O USO DO COMPUTADOR NA ESCOLA.....	20
2.1.Breve análise histórica da educação de jovens e adultos (EJA) -Trajetória histórica e legal.....	20
2.2 Educação de jovens e adultos (EJA) - Trajetória Histórica e Legal.....	22
2.3 O computador como tecnologia educacional.....	26
2.4 Os desafios do uso do computador na escola.....	28
CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....	31
Abordagem qualitativa, técnicas e instrumentos de coleta de Dados	31
3.1 Observações.....	32
3.2 Questionário.....	33
3.3 Entrevistas.....	34
CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS E INFORMAÇÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS.....	35
4.1.Instituição Especial X.....	35
4.2 Escola EJA Y.....	36
4.3 Observações.....	39
4.3.1 Relato da Docência no laboratório de informática da Instituição EJA X.....	39
4.3.2 Relato da Docência no laboratório de informática da Escola EJA Y.....	46

4.4 Entrevistas.....	51
4.5.Questionários.....	55
CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICES.....	65
ANEXOS: Projeto Político Pedagógico das Escolas selecionadas para este estudo	
1. Escola Especial	
2. Escola Regular de Jovens e Adultos	
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	73

ABREVIATURAS, CONVENÇÕES E TERMOS USADOS

CONFITEA - Conferência Internacional de Jovens e Adultos

CRE - Coordenação Regional de Ensino

EJA – Educação de jovens e adultos

ENEE - Educando com Necessidade Educacional Especial

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

MOBRAL – Movimento brasileiro de alfabetização

ONU – Organização das Nações Unidas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

RA - Região Administrativa

SEI – Secretaria Especial de Informática

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

UnB - Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

PARTE I: TRAJETÓRIA EDUCACIONAL OU MEMORIAL

1. QUANDO TUDO COMEÇOU

Nascido em 15 de abril de 1989 em Brasília, cresci em uma família com um pai mineiro de João Pinheiro e uma mãe brasiliense com raízes goianas, cresci na cidade satélite, atual região administrativa, Guará. Tive uma infância como qualquer outra de minha época, com muitas brincadeiras de rua: futebol, pega-pega, pique-esconde, queimada e etc e muito contato com a natureza pois frequentemente viajava para a chácara no qual meu avô reside até hoje em João Pinheiro - MG. Concomitantemente com minhas experiências nas brincadeiras de rua, também tive parte de minha infância marcada pela presença de tecnologias como o vídeo game e o computador, que me acrescentaram muito principalmente após a obtenção da Internet em minha casa.

Iniciei meus estudos em 1992 na escola Objetivo de Natal no Rio Grande do Norte. Minha família que é natural de Brasília resolveu passar umas temporadas perto da mar. Esse era um momento de mudanças políticas no Brasil com a recente aprovação da Constituição Federal de 1988 e com dificuldades na questão financeira devido a inflação que afrontava muitas famílias brasileiras. Dois anos depois retornei a Brasília e fui matriculado em minha primeira escola pública onde fui efetivamente alfabetizado com 5 anos. Cursei a Escola Classe 03 no Guará – região administrativa do Distrito Federal – onde fiz da 1ª a 4ª série. Nesta época pensava meu futuro assim como qualquer outra criança desta idade, sonhava em ser jogador de futebol, astronauta, médico, biólogo e etc.

Meu ensino fundamental, que cursei no Centro de Ensino Fundamental 02 do Guará, foi importantíssimo para minha escolha acadêmica pois neste colégio eu pensava muito diferente dos professores e da direção, formando assim uma pequena reflexão crítica dos métodos de ensino que aquela instituição nos proporcionava.

Mas foi no meu ensino médio – que foi cursado em diferentes instituições – que percebi que o meu curso tinha que ser Pedagogia. Primeiramente, cheguei nessa fase da vida com pavor do professorado, pois é uma profissão pouco

reconhecida e de salários tradicionalmente menores que outras categorias. Mas graças a alguns professores que tive nessa época, principalmente de biologia e português, decidi que deveria me tornar um professor, a profissão mais nobre e menos reconhecida do mundo.

Mas foi durante os 5 anos de graduação que realmente me apaixonei pela profissão. Os trabalhos acadêmicos, as visitas às escolas e intervenções nas mesmas, docência, me levaram a revigorar dentro do meu ser uma vontade que até então era diminuída por problemas já citados de minha profissão, como salários baixos e pouco reconhecimento.

2. EXPERIÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR

Iniciei meu curso de Pedagogia no ano de 2009, trazendo comigo aquele sonho de transformar a educação do Brasil e me tornar um professor melhor que aqueles que eu tanto criticava.

Assim que cheguei à Universidade de Brasília, cheio de sonhos e utopias, deparei-me com um currículo semiaberto e confuso, além de professores capacitados e comunicativos. Percebo hoje que essa comunicação que pude experimentar no 1º período foi de muito valor para minhas reflexões futuras, já que no curso de pedagogia o que o graduando mais faz é refletir sobre algum assunto que outro autor já dissertou.

Logo conheci duas professoras, mestre/doutora, na faculdade de educação que me lembraram desse sonho utópico. Graças às experiências que tive no meu primeiro semestre pude perceber que a minha missão deveria ser fragmentada e de menor expressão, pois como diria o poeta, “uma andorinha só não faz verão”. A partir de pequenas contribuições que eu possa estar levando ao mundo acadêmico, espero contribuir para um melhor entendimento da realidade e quem sabe uma mudança paradigmática da situação.

No terceiro e quarto semestres, períodos em que comecei e concluí meu Projeto 3¹, estudei as relações e implicações do ensino de ciências nas escolas básicas utilizando o computador como ferramenta educacional e percebi que poderia

¹ Vivência da prática do fazer pedagógico em diferentes contextos institucionais, articulando, no processo formativo, as atividades de extensão, pesquisa e ensino. Primeiro momento de contato com o fazer concreto do profissional em Pedagogia, vivendo-o em toda sua riqueza e em todos os seus desafios.

contribuir nesta área. Os usos de *softwares* educacionais na aprendizagem de conceitos abstratos como gravidade, rotação e translação da Terra e outros assuntos, se tornam lúdicos e interessantes na perspectiva da ferramenta computador.

Durante meus seguintes semestres, estudei também assuntos como Educação a Distância, que me abriu os olhos para novas possibilidades de uso do computador na educação. Ensino de Jovens e Adultos, o qual me identifiquei com a luta da erradicação do analfabetismo para esse público que historicamente não teve acesso à educação na idade adequada. Ensino de pessoas com alguma necessidade educacional especial, no qual tive o prazer de fazer a primeira fase do meu estágio, projeto 4², na Associação Pestalozzi de Brasília onde aprendi muito sobre esse público e aprofundei conhecimentos práticos sobre o uso do computador na educação.

Em meu último semestre na Faculdade de Educação tive o prazer de estagiar na Escola Classe 08 do Guará, lugar onde realmente pude experimentar a docência em sua plenitude, com todas suas dificuldades e aprendizados, com um público bastante especial, o EJA.

3. A ESCOLHA DO TEMA DA MONOGRAFIA

Minha escolha por esse tema na monografia se deu pelo arcabouço de conhecimentos que me fizeram ser quem sou hoje e me inquietaram durante toda a minha graduação, fazendo com que me identificasse com a luta do EJA e do acesso aos meios tecnológicos e o uso deles na educação.

Durante as fases da pesquisa, que se deram em um período de um ano, pude aprender e experimentar o ensino no público EJA em sua diversas fases, tanto o utópico, sala de aula reduzida e 3 refeições durante o período diurno, quanto o real com carga reduzida e apenas uma refeição, quando tem.

² Momento de cumprimento do "estágio" em sua formulação legal. Compreendendo ao todo 240 horas vivenciadas em "instituições de ensino formal escolar"(independentes da idade dos formados e dos educandos). Aqui o fundamental é a vivência concreta das "situações educativas", entendidas como espaço/tempo da atuação interativa com alunos, inclusive em sala de aula. É o momento do planejamento, da execução e da avaliação do trabalho formativo didaticamente experienciado num "grupo-classe", em sintonia com o "projeto político pedagógico" de cada estabelecimento ou instituição onde venha a exercer sua prática.

Durante minha aprendizagem, que a princípio era pra simples conhecimento do laboratório, pude crescer tanto quanto pessoa quanto como professor-pesquisador. O conhecimento que adquiri, de forma menos técnica mas não menos importante, com os alunos com quem tive o prazer de dividir histórias, risos e sabedoria foi o que me impulsionou a escrever sobre esse público tão excepcional.

Em primeira instância, fui ao estágio sem pretensão de utilizá-lo na pesquisa, mas ao entrar em sala de aula e observar e me inquietar com os problemas, tive certeza que o EJA necessitava de uma visão científica e tecnológica acerca de seus processos de ensino e aprendizagem. Somando essa inquietude com conhecimentos adquiridos durante minha graduação, tanto no Projeto III, quando analisei *softwares* educacionais para o ensino de ciências com alunos da 4ª série, quanto na disciplina Educação a Distância (EaD) que aumentei o leque de potencialidades do computador na educação e aprendi muito do conceito de empoderamento, ou seja, o aluno ser autor do seu conhecimento. Diversas outras disciplinas me ajudaram na inquietude dos meus pensamentos e me proporcionaram referenciar o presente trabalho acadêmico.

PARTE II: MONOGRAFIA

O USO DO COMPUTADOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

O presente estudo refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia na Universidade de Brasília, e busca sistematizar como tem sido feito o uso do computador em duas escolas distintas que atendem jovens e adultos.

1. Justificativa

As novas tecnologias de informação e comunicação tem se tornado instrumentos indispensáveis ao processo educativo, e com isso este processo tem se tornado mais atrativo e produtivo aos alunos, ainda mais considerando a educação brasileira que a cada dia enfrenta desafios que vão desde a falta de estruturas básicas até a falta de educadores.

O uso de novas tecnologias representa um diferencial no processo de ensino-aprendizagem, e se utilizado de forma adequada possibilita a aprendizagem dos conteúdos curriculares. Estas tecnologias também possibilitam ao aluno uma maior interação com o mundo e com todo o conhecimento acessível por meio da Internet, modificando os hábitos destes alunos e as formas de relacionamento deste aluno com os outros e consigo mesmo.

Considerando o contexto atual surgem diversos questionamentos acerca das TICs no âmbito educacional. Este trabalho busca investigar as influências, desafios e benefícios da utilização das TICs na EJA e propõe refletir o papel do educador como mediador dos alunos com estas novas tecnologias, em específico o computador.

Conhecendo a realidade do público EJA, sabendo que estes alunos buscam melhorar suas condições sociais por meio do estudo, cabe ao educador encontrar novas maneiras para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem e o uso das novas tecnologias pode ser uma maneira diferenciada de superar os modelos tradicionais.

Espera-se com este trabalho despertar nos educandos a necessidade de acompanhar a evolução tecnológica, para estarem inseridos nestas mudanças, e desta forma compreender que estas mudanças podem trazer melhorias aos alunos, e para que estes educadores desenvolvam uma educação contextualizada ao tempo tecnológico atual. Espera-se também compreender a relação aluno-computador-professor e como ela é importante em uma formação atual considerando o aspecto pessoal e profissional do aluno.

2. Problemas de estudo

O problema que o presente trabalho busca discutir é a questão do uso computador nas escolas EJA. Como tem sido feito o uso? É mais técnico ou ligado aos conteúdos? Por quem é utilizado e quando? A escola dispõe de tempo e computadores adequados para as atividades com a máquina? Os professores recebem treinamento e são estimulados a usar o laboratório de informática? Os alunos gostam dessa aproximação com o computador? A partir de perguntas como essa espera-se que o presente trabalho possa contribuir em algumas respostas e indicar novos caminhos.

O maior desafio da atualidade é acompanhar as evoluções do setor quaternário que é o da tecnologia da informação que evolui a passos largos. Cabe então a educação, por meio dos educadores, acompanhar essa evolução e fugir do pragmatismo epistemológico que envolve a sala de aula em uma bolha (Scalcon, 2008), separando assim o que acontece fora de sala de aula com o que é ensinado no meio escolar. Espera-se com esse trabalho identificar dificuldades e facilidades do uso dessas novas TICs no dia a dia acadêmico do público EJA que é historicamente excluído em outras instâncias.

3. Objetivos

Geral

Investigar e refletir sobre os desafios e benefícios da utilização das tecnologias da informação e comunicação, em especial o computador, no contexto da Educação de Jovens e Adultos.

Específicos

- Analisar a história do EJA com foco na legislação;
- Identificar as dificuldades enfrentadas pelos educadores do EJA no uso do computador;
- Caracterizar o uso de computadores nas escolas de EJA;
- Observar o uso do computador em diferentes realidades EJA;
- Analisar situações de ensino e aprendizagem com foco no uso do computador como ferramenta educacional;
- Identificar a opinião dos professores e alunos quanto ao uso do computador na escola e na vida cotidiana;

4. Organização do texto

Para a organização deste informe sobre a pesquisa realizada para fins do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, o texto foi dividido em 5 capítulos a fim de sistematizar e facilitar o acesso às informações no corpo do texto.

O primeiro capítulo é composto pela justificativa da escolha do tema e sua importância, problemas, questões e os objetivos geral e específicos.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo da literatura sobre a temática, focalizando em particular o uso do computador na sociedade, a educação de jovens e adultos, os usos e os desafios da introdução do computador nas escolas. Subdivide-se em: Breve análise histórica do computador na educação brasileira, Educação de Jovens e adultos EJA - Trajetória Histórica e Legal, O computador como tecnologia educacional e Os desafios do uso do computador na escola.

O Capítulo III é dedicado a apresentar a metodologia aplicada no presente estudo, de cunho qualitativo, em que se usou diversas ferramentas de pesquisa para alcançar os objetivos. A pesquisa foi realizada em duas etapas aproveitando o

acesso ao ambiente, o acompanhamento de atividades e contatos com professores e estudantes durante a realização do estágio supervisionado [Projeto 4 Fases 1 e 2 do Curso de Pedagogia] ocorrido nos meses de janeiro de 2014 a dezembro de 2014, em duas escolas públicas do Distrito Federal. Neste capítulo relata-se, ainda, a importância de cada instrumento em cada momento em que foi aplicado.

O capítulo IV remete à análise e interpretação dos dados e informações obtidas, requerendo análises das observações, entrevistas e questionários aplicados a fim de obter respostas à realidade do uso do computador com o público estudado.

O capítulo V é dedicado às considerações finais e algumas recomendações.

CAPÍTULO II

REFLEXÕES SOBRE O USO DO COMPUTADOR NA ESCOLA

"Quando eu estava na escola, o computador era uma coisa muito assustadora. As pessoas falavam em desafiar aquela máquina do mal que estava sempre fazendo contas que não pareciam corretas. E ninguém pensou naquilo como uma ferramenta poderosa."

Bill Gates em palestra na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, em 2004

2.1 Breve análise histórica do computador na educação brasileira

Não é de hoje que o computador se tornou uma ferramenta poderosa em diversas áreas do conhecimento humano. O mundo corporativo já não suporta tamanha evolução sem o aporte de tecnologias que o ajudem a evoluir. A educação não é diferente, deve acompanhar as mudanças do mundo e oferecer oportunidades para todos se inserirem nessa nova sociedade, a sociedade do conhecimento. Valente (1999) ressalta que o conhecimento e, portanto, os seus processos de aquisição assumirão papel de destaque, de primeiro plano nesse século. Essa valorização do conhecimento demanda de uma nova postura dos profissionais em geral e, com isso, requer o repensar dos processos educacionais, principalmente aqueles que estão diretamente relacionados com a formação dos profissionais e com os processos de aprendizagem.

Essa importante tecnologia da informação e comunicação (TIC) que é o computador chegou tardiamente no Brasil, por volta do final dos anos 50, com computadores extremamente grandes, importados de outros países, como os Estados Unidos da América (EUA). O primeiro computador construído no Brasil foi desenvolvido em 1972 na USP - Universidade de São Paulo, para desenvolver tecnologias para a Marinha do Brasil. Mais tarde, em 1979, houve a criação da Secretaria Especial de Informática (SEI), que é responsável pelo gerenciamento dos assuntos pertinentes à informática no país. Em 1984 veio um dos passos mais importantes para a informática no país, a Política Nacional de Informática, etapa que veio mudar o atraso tecnológico do Brasil frente a outros países e possibilitou um grande aumento na taxa de crescimento da informática nacional. Momento

importante também, que possibilitou a equiparação, ou quase, da tecnologia brasileira com as mundiais foi a abertura das fronteiras no governo Collor.

O computador chegou às escolas brasileiras muito recentemente, no início dos anos 70, no seminário intensivo sobre o uso do computador no ensino de física na Universidade Federal de São Carlos, ministrado por E. Huggins, especialista da Universidade de Dartmouth, E.U.A. A partir desse seminário e diversos outros encontros acadêmicos, principalmente nos anos 80, o uso do computador se disseminou, mesmo que ainda de forma tímida, nas universidades do país. Finalmente a educação usava assim essa importante TIC como auxílio na educação, principalmente na área de exatas onde facilitava muito os cálculos.

Em 1981, foi realizado o I Seminário Nacional de Informática na Educação na Universidade de Brasília. Esse seminário foi importante ao delimitar posições de especialistas na área de tecnologia e na área de educação sobre temas e pesquisas das funcionalidades e aplicações do uso do computador no ensino-aprendizagem de alunos brasileiros.

De acordo com Teruya (2006) a partir de 1982 o Ministério da Educação (MEC), assumiu o compromisso de viabilizar a implantação de projetos de estudos e pesquisas sobre o uso de computadores na educação brasileira e criou o Centro de Informática do MEC (CENIFOR), ligado à Fundação Centro Brasileiro da TV Educativa (FUNTEVÊ), atualmente Fundação Roquete Pinto. A partir daí, foi aprovada, em 1983, a implantação do projeto EDUCOM - Educação com Computador - o Projeto Brasileiro de Informática na Educação. Essa era a iniciativa, financiada pelo Ministério da Educação, para levar computadores às escolas públicas brasileiras, com o objetivo de incorporar a informática educativa no processo de ensino aprendizagem.

Atualmente o programa que atende as demandas tecnológicas da educação no âmbito nacional é o ProInfo. O Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) é um programa educacional criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997, para promover o uso pedagógico das tecnologias de informações e comunicações na rede pública de ensino fundamental e médio. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias. A partir do uso do ProInfo diversas escolas brasileiras

passaram a possuir em seu patrimônio o laboratório de informática, financiado e mantido - em um prazo de 3 anos, pelo MEC. Porém, uma política pública que visa apenas a construção de laboratórios de informática sem um preparo do professor, está condenada ao fracasso. A política não deve visar apenas "doar" computadores as escolas, ela deve promover uma qualidade no ensino e facilidade no acesso à novas tecnologias. Para isso Valente (1999) afirma que usar o computador na escola requer a análise cuidadosa do que significa ensinar e aprender bem como demanda rever o papel do professor neste contexto. O contexto muda, pois a máquina passa a ser um meio de informação ou de aprendizagem e o professor deve ser um facilitador desse processo, intervindo de forma a uma melhor compreensão das atividades pedagógicas.

No Brasil a política de formação do professor para atuar com as novas tecnologias é o Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (ProInfo Integrado). O ProInfo Integrado é um programa de formação voltada para o uso didático-pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação no cotidiano escolar, articulado à distribuição dos equipamentos tecnológicos nas escolas e à oferta de conteúdos e recursos multimídia e digitais oferecidos pelo Portal do Professor, pela TV Escola e DVD Escola, pelo Domínio Público e pelo Banco Internacional de Objetos Educacionais. São oferecidos cursos, com inscrições feitas nas secretarias de educação dos estados ou municípios, voltados a integração do professor com a máquina e *softwares*, elaboração de projetos educacionais digitais e importância das TICs no ensino e aprendizagem.

2.2 Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Trajetória Histórica e Legal

O público alvo desta pesquisa são os alunos e educadores da EJA, cabendo então explicitar a história da EJA no ponto de vista das legislações, ressaltando a obrigatoriedade, trajetória e objetivos desta modalidade de ensino.

De acordo com o Currículo em Movimento da EJA (2013), esta é uma modalidade de ensino básico destinada ao atendimento de pessoas jovens, adultas e idosas, trabalhadores ou não, que não iniciaram ou interromperam seu percurso escolar em um ou vários momentos de sua trajetória de vida.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MEC - Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) traz:

Seção V

Da Educação de Jovens e Adultos

Art. 37º. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

Podemos observar a preocupação do Estado em legitimar este direito para o público EJA. Também encontramos o posicionamento do CNE – Conselho Nacional de Educação acerca da modalidade EJA com as resoluções nº 1/2000 e 3/2010, sendo a primeira relacionada as Diretrizes Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos e a segunda que institui as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos quanto à duração dos cursos, à Educação a Distância nesta modalidade e à idade mínima para ingresso nos cursos para certificação.

A Lei Orgânica do Distrito Federal promulgada em 08 de junho de 1993 atualizada pela Emenda à Lei Orgânica nº 60, 20 de dezembro de 2011, também se pronuncia sobre a educação de jovens e adultos em seu artigo 225 que diz:

O Poder Público proverá atendimento a jovens e adultos, principalmente trabalhadores, em ensino noturno de nível fundamental e médio, mediante oferta de cursos regulares e supletivos, de modo a compatibilizar educação e trabalho.

Parágrafo único. Cabe ao Poder Público implantar programa permanente de alfabetização de adultos articulado com os demais programas dirigidos a este segmento, observada a obrigatoriedade

de ação das unidades escolares em sua área de influência, em cooperação com os movimentos sociais organizados.

As conquistas deste público também são reforçadas por meio do Parecer 11/2000 do CNE que traz as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, determinando a EJA como modalidade de educação estabelecendo suas funções e princípios, explicita a organização, duração, o currículo e a metodologia a ser adotada, e levanta a necessidade de formação específica para os professores.

No Distrito Federal o Conselho de Educação do Distrito Federal traz por meio da Resolução nº1/2012 as normas para a modalidade EJA:

SEÇÃO IV

DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Art. 29. A educação de jovens e adultos - EJA destina-se aos que não tiveram acesso à escolarização do ensino fundamental e do ensino médio na idade própria, podendo ser oferecida por instituições educacionais credenciadas que devem apresentar diferentes e variadas formas de organização.

§ 1º A modalidade de educação de que trata o caput deve observar as disposições gerais da educação básica e, no que for pertinente, da educação profissional técnica de nível médio, e considerar características, interesses, condições de vida e de trabalho de jovens e adultos.

§ 2º O Poder Público do Distrito Federal deve assegurar, gratuitamente, oportunidades educacionais apropriadas aos jovens e adultos.

Outros artigos da mesma resolução organizam esta modalidade por períodos, semestres, trata da idade mínima necessária para matrícula na modalidade, explica as formas de avaliação e de frequência adequados aos alunos jovens e adultos e garantem a matrícula em qualquer época do ano.

Sabe-se que os estudantes desta modalidade são pessoas que não concluíram a educação na idade adequada por terem encontrado dificuldades em alguma época de suas vidas, então, de acordo com o Currículo em Movimento da EJA – DF (2013) este público é formado por pessoas jovens, adultas e idosas em busca de elevação da escolaridade, de ascensão social, econômica e acadêmica. A educação para estas pessoas é a melhor possibilidade para mudar de vida, fato que aumenta ainda mais a responsabilidade da escola para com elas.

A história da educação de jovens e adultos começou no período do Brasil colônia, com a educação ministrada pelos Jesuítas aos índios, como foi estudado na disciplina História da Educação brasileira. E desde este período esta modalidade de educação tem lutado por seus direitos.

Na década de 40, e com o fim da Era Vargas foi iniciado um movimento para democratizar o Brasil, e com isso detectou-se altos índices de analfabetismo, sendo o analfabeto considerado incapaz, “uma criança grande”. Com isso em 1947 a UNESCO solicitou a alfabetização para os jovens e adultos sem escolaridade, obrigando o Governo a lançar a 1ª Campanha de Educação de Adultos, onde os estudantes seriam alfabetizados em três meses e o curso primário teria a duração de sete meses.

Uma campanha se destacou em Pernambuco, com o educador Paulo Freire³, o qual propunha uma educação crítica para o jovem e os adultos. Sua proposta consistia em o educador conhecer a realidade de seus alunos e por meio de comprometimento entre o educador e o educando valorizar e reconhecer os alunos como possuidores de cultura. Paulo Freire acreditava muito no Jovem e Adulto como possuidor de conhecimento e foi um marco para a educação mundial ao ir contra a educação tradicional de conteúdos, a qual intitulou-se de educação bancária, pois a partir de pequenos “depósitos de conhecimento” esperava-se que o aluno aprendesse no ritmo do professor, negando assim sua cultura e seu aprendizado com o mundo. A partir de Freire, o estudante jovem e adulto passou a ser conhecido como sujeito e a sua cultura como importante na transformação de realidades e na mudança da natureza.

Com o início da Ditadura Civil Militar as propostas de alfabetização crítica foram extintas, e substituídas pelo MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). O MOBRAL foi um projeto do governo brasileiro, criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida”. Em 1985 o MOBRAL foi extinto e surgiu a Fundação EDUCAR,

³ Paulo Reglus Neves Freire foi um educador e filósofo brasileiro. É Patrono da Educação Brasileira. Paulo Freire é considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. A sua prática didática fundamentava-se na ideia de que o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade, em contraposição à por ele denominada educação bancária, tecnicista e alienante: o educando criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o caminho, e não seguindo um já previamente construído; libertando-se de chavões alienantes, o educando seguiria e criaria o rumo do seu aprendizado. Destacou-se por seu trabalho na área de educação popular, voltada para escolarização e conscientização política.

a qual somente apoiava as campanhas já existentes de alfabetização de jovens e adultos.

No Distrito Federal, da mesma forma que em todo o Brasil, tem origem nos movimentos sociais. O Estado assumiu a Alfabetização de Jovens e Adultos com o fim da Fundação Educar, e no DF a criação dos Fóruns EJA foi um marco que auxiliou na luta deste alunado. Os Fóruns EJA tiveram início em 1996 em um Fórum realizado no Rio de Janeiro como sendo preparatório para o V CONFINTEA (Conferência Internacional de Jovens e Adultos). Gerido por pessoas interessadas no assunto e especialistas que discutiam formas de continuar a luta contra a exclusão do público EJA, se estendeu por todo o país chegando aos dias atuais com 26 fóruns estaduais e um no Distrito Federal, além de 51 fóruns regionais.

Os Fóruns EJA, sua trajetória, organização, rede, representação na Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos, documentos produzidos em prol da educação de qualidade para jovens, adultos e idosos podem ser acessados no Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos - EJA do Brasil (www.forumeja.org.br). Os fóruns EJA se tornaram ferramentas de destaque na discussão e avaliação de políticas públicas e propagação de materiais voltados para esse público articulando-se tecnologicamente a partir da Internet. Assim assegura DANTAS (2010):

Os fóruns criaram uma rede de articulação na luta pela efetivação do direito à educação de jovens e adultos, conseguindo dar visibilidade e, conseqüentemente, pautar uma agenda de discussão com o poder público. Sua atuação tem lhe proporcionado um lugar de protagonismo, na atualidade, na busca pela consolidação do direito assegurado na Constituição e de conquistas em âmbito legal, o que tem significado um movimento constante de luta, diálogo, estudo e aprofundamento de concepções e práticas assumidas pela EJA.

2.3 O computador como tecnologia educacional

O computador na era da informação deve, sobretudo, facilitar o acesso do aluno à informação, criação e formação de habilidades. Assim como o computador tem sido ferramenta para facilitar nosso dia-a-dia, como no autoatendimento online do banco ou envios de *e-mails* (comunicação), ele deve ser na educação também um facilitador de processos, ou seja, acelerar aquilo que poderia ser mais

desgastante caso não houvesse a tecnologia do computador. Cabe ressaltar que o computador é apenas mais uma tecnologia educacional, existem diversas outras mais antigas e eficazes a qual não devem de forma alguma serem desprezadas ou substituídas por completo.

As tecnologias educacionais estão presentes no cotidiano escolar desde o início do processo de ensino-aprendizagem. As tecnologias educacionais são as ferramentas que o educador utiliza como uma forma de facilitar a aprendizagem do aluno, podendo ser um livro didático, o quadro e o giz ou até mesmo, trazendo para o cotidiano da modernidade, um tablet de última geração. De acordo com Machado (2010) tecnologias educacionais são os recursos criados (ou não) para as finalidades de ensino e aprendizagem que, adaptados às necessidades do espaço de formação, do compartilhamento e do ensino à ciência e ao conhecimento, com finalidades de ensino, preparação e adequação à vida em todas as suas esferas, permitem aos educadores tornar ainda melhor, mais fácil, rápida e efetiva a educação.

Com o avanço das tecnologias, e a presença das mesmas na realidade do educando e do educador, tem proporcionado cada dia mais debates acerca do tema. O enfoque na utilização das tecnologias educacionais é diferenciar educação com TICs, educação para as novas TICs e ensino de informática.

Educar se utilizando das novas TICs significa, de acordo com Valente (1999) usar a informática na educação para inserir o computador como ferramenta de ensino e aprendizagem de conteúdos curriculares de todos os níveis e modalidades de educação. Diferentemente vemos o enfoque da educação "para" as novas TICs que compreende em preparar o aluno a entender novas tecnologias como o computador, tablet ou smartphone. Por outro lado, mas semelhante ao último, o ensino de informática visa, de acordo com Valente (1993) ensinar o aluno a compreender o computador, seja manipulando *softwares* ou estudando *hardwares* e etc.

De acordo com Valente (1999) o uso do computador de forma mais semelhante às práticas pedagógicas tradicionais é o menos efetivo para promover a compreensão do que o aprendiz faz. Nessa perspectiva cabe-se utilizar-se uma compreensão construtivista do ensino com o computador, pois abordar as disciplinas em um laboratório de informática requer uma metodologia diferente da tradicional, surge daí o construcionismo como uma alternativa viável para o uso do computador.

Nessa abordagem construtivista citada temos Seymour Papert (1980) como vanguardista no uso da mesma, ao em seus estudos inferir que a aprendizagem é facilitada quando é autodirigida, ou seja, o aluno constrói ativamente o conhecimento. Papert apoiado em Piaget desenvolve seu conceito aceitando que o aluno não é uma tabula rasa, mas traz consigo e com a interação com o meio, importantes aspectos pedagógicos que precisam ser analisados, opinião essa em consonância com a pedagogia crítica de Paulo Freire.

Ao abordar o computador em sala de aula, ou em laboratórios de informática, sobre essa ênfase notamos que é indissociável a noção de empoderamento ou *empowerment* - que o aluno leva consigo dessa experiência pedagógica. O empoderamento ou *empowerment* baseia-se em dar aos alunos a sensação de que eles são capazes de produzir algo considerado por eles próprios como sendo impossível (Valente, 1999). Além disso, conseguir um produto que eles não só construíram, mas compreenderam como foi realizado. Eles podem falar sobre o que fizeram e mostrar esse produto para outras pessoas. Essa sensação do empoderamento e confiança nas próprias capacidades mentais é de suma importância para a aprendizagem e confiança do aluno, principalmente com o público EJA que historicamente sofreu ou sofre algum tipo de exclusão tecnológica e educacional. Empoderar, então, é dar voz e vez a um público que historicamente foi marcado por sucessivas exclusões e pré conceitos. É considerar esse público como criador de cultura e propagador da mesma, seja ela científica ou de saber popular.

2.4 Os desafios do uso do computador na escola

O computador é uma tecnologia recente na história da humanidade e como tal vem revolucionando o modo como as pessoas se relacionam e vivem o seu dia-a-dia. É impensável para quem nasceu na época pós anos noventa a vida sem as facilidades que o computador traz, tanto no trato pessoal como a comunicação em termos mais gerais como digitação e a revisão de textos. Porém nem sempre foi assim, ao se pensar que todos já nascem sabendo e que se apropriam das novas tecnologias na medida em que elas vão surgindo, excluímos as pessoas que não puderam ter acesso ou não têm acesso às novas tecnologias, em especial se tratando de educação, o público EJA.

O maior desafio do uso do computador na educação é tirar o professor da zona de conforto e capacitá-lo a sair do paradigma de que o tradicional é sempre o melhor, pois foi assim que ele aprendeu. De acordo com Silva (2003, p.78) os professores que mais utilizam o computador como ferramenta educacional são aqueles que possuem algum conhecimento na linguagem informática. A resistência ao uso da máquina no ensino-aprendizagem passa por uma qualificação do professor, que acometido de dúvidas ou pré conceitos, deixa de utilizar o laboratório como complemento da aprendizagem.

Na perspectiva de procurar significado para o uso do computador em sala de aula, assim sair do paradigma, o professor Pedro Demo aponta que:

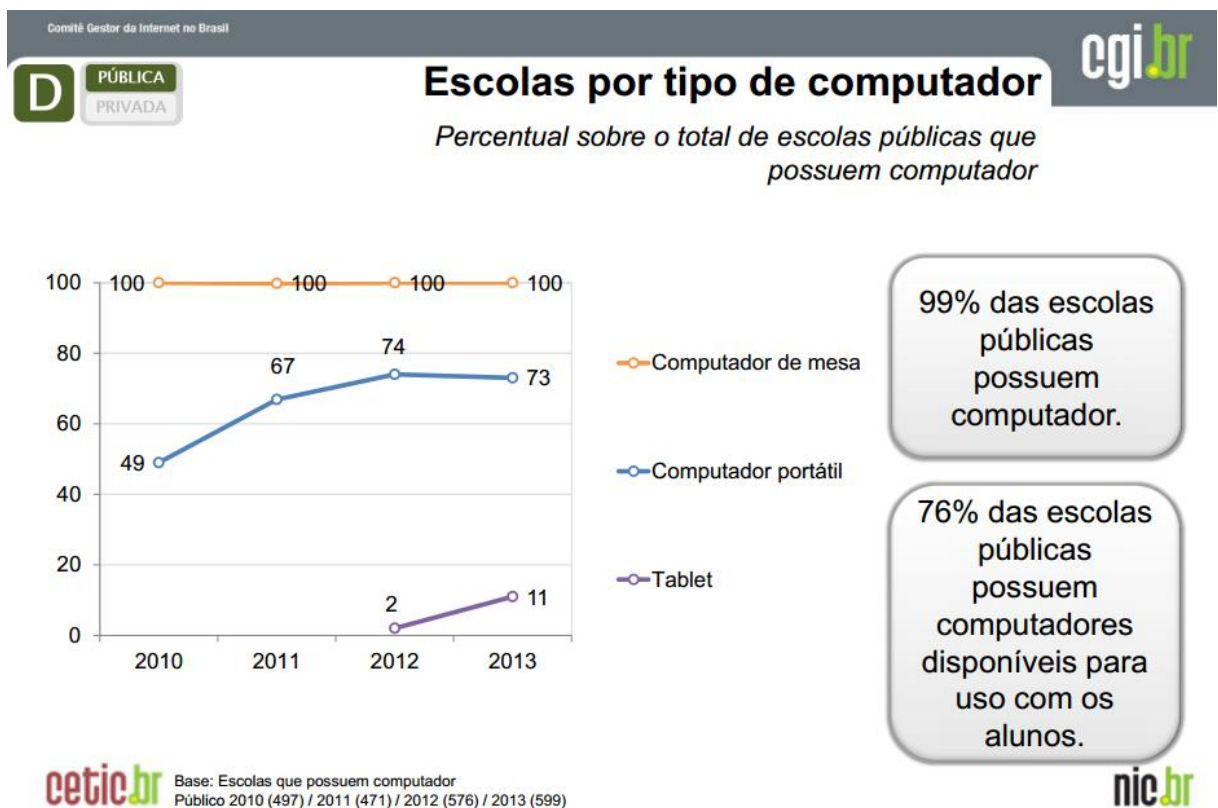
“Os educadores precisam encontrar a possibilidade de ir ao encontro do modo como os estudantes interagem [...] para imprimir-lhes devida profundidade acadêmica.” (DEMO, 2009, p. 60).

Essa profundidade acadêmica citada pelo professor Demo deve ser incidida de profunda pesquisa do professor a fim de proporcionar aulas construtivas e extremamente vinculadas ao Projeto Político Pedagógico da escola.

Valente vai além ao questionar a instalação de laboratórios de informática sem antes preparar e orientar o corpo docente da escola, dissertando que:

[...] a promoção dessas mudanças pedagógicas não depende simplesmente da instalação dos computadores nas escolas. É necessário repensar a questão da dimensão do espaço e do tempo da escola. A sala de aula deve deixar de ser o lugar das carteiras enfileiradas para se tornar um local em que professor e alunos podem realizar um trabalho diversificado em relação ao conhecimento. O papel do professor deixa de ser o de “entregador” de informação, para ser o de facilitador do processo de aprendizagem. O aluno deixa de ser passivo, de ser o receptáculo das informações, para ser ativo aprendiz, construtor do seu conhecimento. Portanto a educação deixa de ser a memorização da informação transmitida pelo professor e passa a ser a construção do conhecimento realizada pelo aluno de maneira significativa, sendo o professor, o facilitador desse processo de construção (VALENTE, 1999, p. 17-18).

O Proinfo e o Proinfo integrado, políticas públicas que visam informatizar escolas e preparar professores têm mostrado interessantes resultados, principalmente no que concerne à construção e ao uso de computadores em escolas públicas. A pesquisa TIC Educação 2013, realizada pela CETIC (Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação), sob a tutela da UNESCO no período de setembro de 2013 a dezembro de 2013 com 994 escolas de toda a área urbana do país revelou o seguinte dado:



Disponível em <http://cetic.br/pesquisa/educacao/analises> - acesso em 02/01/2015

Vale ressaltar que a escola ter computador não significa que o mesmo é usado para a docência, assim como possuir computadores disponíveis para os alunos signifique que os mesmos os utilizam. Mas apesar de tudo, esse dado demonstra a informatização crescente nas escolas brasileiras, que precisam continuar com políticas públicas adequadas para sua correta utilização.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Para o presente trabalho foram utilizadas diversas estratégias de pesquisa, assumindo a pesquisa qualitativa como predominante em suas fases. Esse tipo de abordagem na pesquisa foi escolhido, pois de acordo como Richardson (2008) a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados/sujeitos, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

Para a primeira parte da pesquisa foi necessário a utilização da observação não participante seguida por observação participante e por fim da docência supervisionada. A sequência da metodologia se deu devido à possibilidade de intervenção pedagógica nas escolas. A docência possibilitou observar, de forma mais que participante, a realidade dos alunos e sobretudo do professor. A docência se deu de forma compartilhada e seguindo o cronograma da escola, porém mudanças na práxis se mostraram necessárias a fim de, de forma respeitosa e dialogada, mudar a realidade daquele público naquele momento.

O presente trabalho visa avaliar como têm sido utilizadas as TICs, em especial o computador, na educação de jovens e adultos; para isso foi utilizado dois públicos EJA de instituições diferentes mas com objetivos em comum, terminar seus estudos. Um público foi o de EJA com alguma necessidade educacional especial e o outro o EJA tradicional do estudo em escola pública e noturno.

Em ambas as realidades escolares foram utilizadas entrevistas guiadas a fim de reconhecer informações relevantes que os docentes pudessem acrescentar acerca do tema computador na educação. A entrevista guiada foi escolhida pois de acordo com Richardson (2008) esse tipo de técnica é utilizada particularmente para descobrir aspectos de determinada experiência, no caso a experiência dos alunos e professores com os computadores na escola.

Por fim, utilizou-se questionários a fim de medir as variáveis dos grupos pesquisados e comparar suas semelhanças e diferenças quanto ao acesso e uso das TICs tanto na educação formal quanto na informal. De acordo com Antonio Carlos Gil (2008) pode-se definir questionário como a técnica de investigação

composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. Nessa perspectiva, o questionário serviu para avaliar experiências passadas e aspirações futuras acerca da tecnologia e o uso que os alunos dão às novas tecnologias.

3.1 Observações

Tanto na primeira parte da pesquisa, que aqui intitularei experiências no EJA Especial, quanto na segunda parte da pesquisa, EJA tradicional, utilizou-se a observação como ponto de partida dos métodos tanto educacionais que se seguiriam com a ação, quanto metodológicos que suportariam a pesquisa.

A observação foi um instrumento escolhido a priori pois cumpre um requisito fundamental de toda a pesquisa, analisar e interpretar problemas para então agir sobre eles. Um bom pesquisador tem os olhos atentos e fixados no objetivo e nesse caso na problemática do uso do computador na educação de jovens a adultos. Sobre a observação na pesquisa Selltiz (1987) apud. Richardson (2008, p.259) diz:

...a observação não é apenas uma das atividades mais difusas na vida diária; é também um instrumento básico da pesquisa científica. A observação torna-se uma técnica científica à medida que serve a um objetivo formulado de pesquisa, é sistematicamente planejada, sistematicamente registrada e ligada a proposições mais gerais e, em vez de ser apresentada como conjunto de curiosidades interessantes, é submetida a verificações e controles de validade e precisão."

Sob esses preceitos de verificação, anotação e controle da validade, foram registrados momentos e posteriormente utilizadas outras técnicas para validar o que fora observado nos estágios anteriores.

Cabe ressaltar que foram utilizados dois tipos de observação, a não participante e a participante, nessa ordem. Na observação não participante de acordo com Richardson (2008, p.260) o investigador atua como espectador atento, baseado nos objetivos da pesquisa, e por meio de seu roteiro de observação, ele procura registrar o máximo de ocorrências que interessa ao seu trabalho. Com essa primeira abordagem foi possível identificar as problemáticas que serão discutidas no presente trabalho.

Após a observação não participante, partiu-se então para a observação participante, onde de acordo com Richardson (2008, p.261) o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado. Esse tipo de observação só foi possível devido às facilidades de participação e acesso que foram dadas durante o Projeto 4 FaseS 1 e 2 em ambas as escolas estudadas. A partir dessa inserção foi possível observar, sob outro ponto de vista, as facilidades e dificuldades encontradas com relação ao tema nos laboratórios de informática, já que para validar a crítica foram experimentados os *softwares* e levado em consideração as experiências dos alunos e opiniões dos professores. Parte importante dessas observações foram as feitas no período da docência, no qual modificou-se o ponto de vista e permitiu averiguar temas que antes pareciam certos sob outro olhar. Temas como tempo do professor com o aluno, falta de vontade do professor em insistir com alunos com dificuldades e disposição do professor quanto ao seu trabalho pareciam temas já definidos como defeitos dos professores, sob uma perspectiva da observação. Porém, quando na docência, foi possível sentir que muitas das vezes o professor, assim como qualquer outro ser humano, tem suas limitações e dificuldades. Trabalhar com 30 alunos em um laboratório e conseguir alcançar todas as dúvidas dos mesmos parece, e na docência se mostrou ser, muito difícil. A partir da docência houve ressignificações importantes que o presente trabalho demonstrará futuramente.

3.2 Questionários

O questionário, segundo Rampazzo (2002), é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas e que normalmente é entregue e deve ser respondida sem a presença do pesquisador.

Na presente pesquisa, o questionário teve como objetivo conhecer a opinião dos educandos EJA acerca das aulas nos laboratórios de informática, quais os equipamentos tecnológicos utilizados no dia-a-dia, qual a opinião destes alunos acerca dos conhecimentos tecnológicos e como estes alunos fazem uso da Internet.

Foram aplicados questionários nas duas escolas observadas, alcançando um total de 20 educandos, 10 alunos em cada instituição. Alguns alunos não participaram da pesquisa por não quererem seus nomes vinculados a este trabalho,

e mesmo após ser explicado que os nomes seriam preservados, muitos ainda preferiram não se envolver.

Outros alunos não participaram, pois o questionário fora aplicado na última semana de aula, e diversos alunos já tinham parado de frequentar a escola por terem sido aprovados e já saberem os resultados.

3.3 Entrevistas

As entrevistas realizadas nos estágios 1 e 2 proporcionaram a possibilidade de entender o tema e identificar problemas da realidade frente à teoria. A entrevista cumpriu o seu papel pois ela é, de acordo com Antonio Carlos Gil (2008):

...uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

As entrevistas foram feitas com professores das duas instituições pesquisadas, a fim de conhecer a realidade dos professores e entender como era a interação aluno-computador-professor, não necessariamente nessa ordem e, por fim, identificar possíveis problemas que poderiam, e neste caso viraram, tema de pesquisa.

O tipo de entrevista escolhido foi a entrevista não estruturada, ou seja, que se preparasse anteriormente temas e perguntas para o entrevistado como: computador e educação, EJA e computador e se esperasse que o entrevistado de forma livre respondesse aos seguintes temas. De acordo com Richardson (2008) a entrevista não estruturada em vez de responder à pergunta por meio de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera como os aspectos mais relevantes de determinado problema. Acredita-se que a liberdade nas respostas obtidas, ajudou a formular a presente pesquisa.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Caracterizando o Local de Estudo

As experiências aqui citadas referem-se a observações, participações e docência realizadas no Projeto 4 Fases 1 e 2, estágio supervisionado do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, no qual foi identificado, estudado e documentado diversos processos na educação com o uso das TICs no ensino de jovens e adultos em duas instituições diferentes.

4.1 Instituição Especial X

A primeira experiência foi realizada na Instituição X, que tem um público alvo predominantemente EJA e com alunos com alguma necessidade educacional especial⁴, e contou com a colaboração do professor "E" que abriu seu laboratório de informática para análises, questionamentos e discussões. A escola X se encontra em uma área nobre do Plano Piloto e teve seu terreno cedido pelo Governo do Distrito Federal, sendo fundada em 3 de Setembro de 1965 pelo médico Julio Capilé.

A Instituição X, por se tratar de uma escola que atende alunos jovens e adultos (acima dos 18 anos) e com alguma necessidade educacional especial, tem como finalidade precípua, atuar nas áreas da defesa e promoção dos direitos humanos das pessoas com deficiência desenvolvendo ações diretas e indiretas de saúde, educação, cultura, esporte, lazer, trabalho e assistência social.

A Instituição X atende em média 135 alunos com as mais diversas dificuldades educacionais especiais e conta com 75 funcionários, sendo 35 professores e o restante divididos nas áreas de apoio como direção, coordenação, fonoaudiologia, dentista, psicologia e outros.

⁴ Para o presente trabalho escolheu-se trabalhar com uma turma com 5 alunos. Os alunos, de acordo com a instituição, são separados por grau de deficiência intelectual para fins pedagógicos. O público selecionado foi o de alunos que foram diagnosticados pela equipe psicológica da escola como sendo de deficiência intelectual leve.

O alunado da Instituição X é diversificado tanto em gênero, deficiência, ou relação familiar. Atende alunos com diversos tipos de deficiência. Alguns alunos têm uma família participativa e acolhedora enquanto outros residem em abrigos do governo no período noturno. Em entrevista com a professora "C", responsável pela oficina de lava-jato, fomos informados que mais de 30% dos alunos não tem um retorno familiar no que diz respeito a acolhimento. Desses 30% muitos não tem mais contato com nenhum familiar e se apegam aos docentes e colegas de instituição, fonte de sociabilização e inserção dos mesmos. A maioria do alunado reside em regiões administrativas do Distrito Federal, e se encaminham à escola graças a 3 ônibus cedidos pelo governo para o transporte de alunos e funcionários.

A escola trabalha com o sistema de oficinas, ou seja, cada grupo de alunos é separado pelo grau de sua dificuldade educacional e junto com seus colegas experimentam as diversas oficinas disponibilizadas pela Instituição. Os alunos trabalham assuntos curriculares como matemática e português em sala de aula, e em outros horários, quando circulam pelas oficinas, experimentam práticas do mercado de trabalho ou inserção digital.

No presente trabalho, foram selecionadas apenas as experiências vividas no laboratório de informática, projeto que na escola é intitulado Inclusão Digital. O objetivo da oficina de Inclusão Digital é desenvolver capacidades motoras e cognitivas para o uso do computador. Os alunos são estimulados através de jogos e atividades a manter um contato com a ferramenta computador e a desenvolver requisitos mínimos exigidos no mundo atual com relação à tecnologia. É instruído também a participar de jogos educativos que promovam diversão, aprendizado em português, matemática, artes, geografia, ciências e demais conhecimentos, privilegiando assim o uso do computador com esse público.

4.2 Escola EJA Y

A segunda experiência com o público EJA utilizando o computador foi realizado em uma escola pública que oferta tal modalidade no período noturno. A escola está localizada na Região Administrativa (RA) do Guará.

A comunidade escolar é heterogênea, tanto pela localização geográfica quanto pelo poder aquisitivo. Alguns alunos vivem na Vila Estrutural⁵, que é uma localidade de baixa renda per capita com pouca ou nenhuma infraestrutura. Trata-se de uma comunidade carente, onde as pessoas mais velhas possuem baixa escolaridade ou escolaridade nenhuma e que na sua grande maioria não acompanham a vida escolar dos seus filhos, dificultando a integração entre a escola e a família.

Os alunos do turno noturno relataram trabalhar no comércio local, na iniciativa privada, em casa de família ou vivem do comércio informal e muitos encontram-se desempregados. São estudantes, na sua maioria fora da faixa etária, oriundos de outros estados e RAS, que não são atendidos no turno diurno por estarem muito fora da faixa etária e terem problemas disciplinares diversos.

A comunidade escolar é heterogênea, tanto pela localização geográfica quanto pelo poder aquisitivo.

O turno noturno é composto por alunos fora da faixa etária, trabalhadores no turno diurno e alunos que não são atendidos mais no turno diurno por conta do grande número de reprovações.

Como em todas as escolas da rede pública, esta instituição lida com a realidade de possíveis ausências de professores no dia a dia da escola o que dificulta o planejamento diário dos docentes e da comunidade escolar em geral.

A parte física está bem preservada, necessitando apenas de reparos comuns, na parte elétrica, hidráulica, estacionamento, quadra e pátio externo. As salas de aula necessitam de troca de vidros, manutenção da parte elétrica e hidráulica, ventiladores e a compra de equipamentos técnicos para um trabalho de maior qualidade pedagógica. Os computadores estão em boas condições, apenas alguns apresentando defeitos, os quais são possíveis de serem consertados.

O Projeto Político Pedagógico da escola Y foi elaborado a partir de encontros com os docentes nas coordenações pedagógicas, questionários entregues a comunidade escolar e discussões feitas com a Coordenação Regional de Ensino (CRE) de Ensino do Guará.

⁵ Vila Estrutural é um bairro da região administrativa do SCIA, no Distrito Federal. Sua formação deveu-se a uma invasão de catadores de lixo próximo ao aterro sanitário do Distrito Federal. Possui péssimas condições de saneamento básico, educação, saúde, segurança e infraestrutura.

As questões pertinentes à concepção deste documento é a sensação de pertencimento da comunidade com a escola e questões relativas a indisciplina escolar que geram a falta de pertencimento na escola.

Para BORDIGNON (2001):

O sentimento de pertença da escola a todos os cidadãos a quem ela diz respeito requer a identificação ao seu projeto educacional. Se a participação requer compromisso com o projeto educacional coletivo, compromisso advém dessa identificação, desse sentimento de pertença. As pessoas somente se comprometem com aquilo em que acreditam, com aquilo que lhe diz respeito, que faz sentido para suas vidas. Se for assim, então passam a querer exercer seu poder, participar das decisões, porque adquiriram a consciência de que estas afetam suas vidas. Só há efetiva participação e compromisso quando se estabelece a cultura do querer fazer – no lugar do dever fazer – para exercer o poder sobre o que nos pertence, o que diz respeito às nossas vidas, ao nosso futuro, que está vinculado ao futuro do coletivo social.

Ficou bastante claro que a criação da identidade da escola é o fator mais importante nesse momento da construção do Projeto Político Pedagógico da Escola e que o sentimento de pertença deve perpassar todas as ações pedagógicas nos três turnos.

A escola Y tem como missão educar para a cidadania, pelo desenvolvimento de consciências críticas e solidárias, com a intenção de provocar um olhar que considera e aceita as diferenças, para a construção de uma sociedade melhor para todos.

Visa assegurar um ensino de qualidade na formação de cidadãos críticos, conscientes e participativos, baseado nos princípios da solidariedade, responsabilidade e exercício consciente do seu papel na sociedade.

A escola faz parte da estrutura da Secretaria de Educação do Distrito Federal, unidade do Governo do Distrito Federal e é vinculada, pedagógica e administrativamente à Coordenação Regional de Ensino Do Guará. Sua localização é urbana oferecendo o Ensino Fundamental de 09 anos – séries finais, 6º ano e 7º ano no turno matutino, 6º ano, 7º ano e seis (06) turmas de CDIS (Correção, Distorção Idade Série) no turno vespertino, 1º segmento e 2º segmento da Educação

de Jovens e Adultos (EJA)⁶, Classes de Ensino Especial em Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD) e Desenvolvimento Individual (DI).

4.3 - Observações

4.3.1 Relato da Docência no laboratório de informática da Instituição X

Cabe ressaltar que as observações feitas foram de cunho participativo e não participativo. No presente momento será explicitado momentos de docência e observação nas instituições estudadas.

No primeiro dia fomos apresentados à coordenadora da escola e conhecemos a escola e o corpo docente. Foram passados todos os tramites regulatórios do estágio e indicado um tutor para acompanhar e avaliar nossa participação na escola.

No segundo dia nessa instituição fomos orientados após uma conversa com a coordenadora a acompanhar a aula de Inclusão Digital que aconteceria no laboratório de informática na parte da manhã.

O laboratório de informática contém oito computadores, ar condicionado, e diversos materiais pedagógicos nas bancadas. O professor responsável pelo laboratório é o "E", professor efetivo, e presente no corpo docente da instituição há três anos. Ele é formado em geografia, e não possui formação específica em tecnologia da informação. Segundo ele, seu conhecimento de informática é apenas o básico, e sua função nesta oficina é apenas orientar os alunos para que eles joguem os jogos educativos disponíveis nos computadores e acessem alguns sítios e *softwares* simples na escola.

O laboratório de informática foi doado pelo Ministério Público, desde as máquinas, até a instalação dos aparelhos e o ar condicionado, e está funcionando desde 2012. A manutenção dos computadores é feito por um técnico contratado pela escola, mas por incompatibilidade de horários, este técnico e o professor Edson não

-
- ⁶ **1º segmento/ Ensino Fundamental – Anos Iniciais:** duração de quatro semestres, com carga horária de 1.600 (mil e seiscentas) horas. **2º segmento/ Ensino Fundamental – Anos Finais:** duração de quatro semestres, com carga horária de 1.600 (mil e seiscentas) horas. **3º segmento / Ensino Médio:** Duração de até três semestres, com carga horária de 1.200 (mil e duzentas) horas.

se encontraram no último mês, o que possibilitou que um dos computadores ficasse sem uso por estar com defeito.

O sistema operacional dos computadores é o Windows Vista, e os jogos que estes alunos escolheram foi jogo da memória, forca, jogo matemático, jogo do esqui, angry birds, bebê (onde é ensinado como cuidar de um bebê), jogos para colorir, damas, xadrez, Sebran e outros.

Todos os computadores possuem acesso a Internet, mas o professor queixou-se de um problema que tem afetado o desenvolvimento das atividades no laboratório, que a interrupção momentânea e inesperada do fornecimento de energia elétrica, fato que pode estragar os computadores.

Em um primeiro momento os alunos ficaram curiosos com a nossa presença, mas após serem instruídos pelo professor Edson voltaram para seus computadores.

A primeira turma observada tinha cinco alunos, cada aluno ficou em um computador, e foi possível notar que todos tinham algum conhecimento de informática, alguns alunos abriam os jogos nos computadores, enquanto outros preferiam navegar na Internet, vendo vídeo de músicas.

Um dos alunos, um pouco mais idoso, não quis participar das atividades, e segundo relato do professor este aluno raramente participa das atividades na sala de informática, e enquanto seus colegas desenvolvem suas habilidades informáticas, ele encosta sua cabeça sobre os braços e cochila.

Uma aluna, Eliza Ângela, veio até nós e perguntou se poderia escrever seu nome em nossos cadernos, demonstrando ser alfabetizada, mas com habilidades limitadas. Solicitamos que a mesma tentasse escrever seu nome no computador, já que a aula era de inclusão digital. Foi aberto o editor de texto e com paciência fomos pedindo que ela digitasse as letras que acabara de escrever em nosso caderno. A aluna demonstrou ânimo, principalmente pelo interesse dos professores quanto a ela, já que em ocasiões passadas, por dificuldade do docente em acompanhar individualmente os alunos a mesma não teve essa atenção. Essa atenção se mostrou de grande significância na vida da aluna, pois devido a docência compartilhada, foi possível dispor de mais atenção e tempo individualizado proporcionando assim maior visibilidade da aluna e de outros alunos em outros momentos.

O aluno PC não deu muita atenção para a nossa presença, pois estava muito envolvido no jogo da forca. Neste jogo, o aluno precisa escolher as letras disponíveis

até formar a palavra, cada letra errada corresponde a uma parte do corpo do boneco, que ao completado encerra o jogo. Paulo estava muito concentrado e acertava diversas vezes as palavras, e sempre ao fim delas dizia em voz alta aquilo que havia completado. Às vezes, com dúvida sobre o que significava a palavra completada, PC solicitava explicação ao professor "E", que com muita presteza o auxiliava. Algumas vezes PC interagiu conosco, e nos abriu espaço para ajudá-lo na compreensão dos significados das palavras. Avaliou-se a atividade como bastante lúdica e importante no treinamento da língua escrita, já que o aluno precisa entender como se forma as palavras para vencer o jogo. Observou-se ainda, a importância do professor ou um tutor para guiar a atividade, mesmo que o *software* sozinho permita que o aluno percorra diversas fases da educação, o professor ainda tem seu valor nesse processo ao guiar o aluno e solucionar dúvidas no momento em que elas surgem.

O *software* de jogos educacionais mais utilizado no laboratório, revezando entre editor de texto e Internet, é o Sebran Versão 1.46, disponível gratuitamente na Internet e que dispõe de diversos joguinhos educacionais e infantis de português e matemática. Existem doze tipos de exercícios diferentes, dos quais os seis mais simples oferecem quatro alternativas possíveis para resposta. Se você escolher a alternativa correta, verá um sorriso; se optar pela errada, um rosto fechado negará a resposta, possibilitando uma nova tentativa. Há também um jogo matemático que introduz os números de 1 a 9. Estes são usados nos exercícios Somar, Subtrair e Multiplicar, cada um com dois níveis de dificuldade. Em Aponte a figura, uma das quatro figuras corresponde à palavra exibida; Primeira letra oferece quatro letras possíveis para que se complete uma palavra. Pode-se aplicar ainda as habilidades adquiridas nestes exercícios para jogar Memória, Memória de Palavra ou Força. Por último, os jogos Chuva ABC, Chuva de Letras e Chuva 1+2 auxiliam na prática da digitação por meio do teclado.



Sebran 1.46

Analisando o Sebran pedagogicamente percebe-se que ele possui algumas características interessantes que podem auxiliar na educação das crianças. Os jogos envolvendo números são importantes para o raciocínio, os envolvendo textos auxiliam na alfabetização e os jogos de memória, força e memória de palavra auxiliam no treinamento da cognição. Porém, o uso desse *software* para o público EJA, mesmo que os mesmos sejam alunos com deficiência intelectual, deve ser implementado com bastante cautela, pois o programa foi desenvolvido para uso com crianças de até 10 anos de idade, o que o transforma em algo bem infantilizado trazendo prejuízos aos alunos mais velhos, tanto na parte visual (muito colorido) quanto na intelectual (nível de profundidade e dificuldade baixo). Além dessas questões o Sebran não é um *software* colaborativo, ou seja, não permite que o aluno construa seu conhecimento e colabore com o programa, muito pelo contrário, o Sebran trabalha com repetição e treinamento de habilidades. Essa repetição pode acabar sendo cansativo para o aluno e deixá-lo estagnado em um nível de aprendizagem aquém do que ele poderia alcançar. O treinamento experimentado por esse *software* vai contra o sentido de criação e participação do aluno na aprendizagem, já que o mesmo apenas entra com as respostas pré definidas e se apodera de pouca informação.

Após essa primeira experiência, perguntamos para o professor "E" se poderíamos lecionar algumas aulas sob sua supervisão e o mesmo nos respondeu que sim, porém, em suas próprias palavras, nos alertou: "os alunos dessa turma são bem diferentes entre si, logo uma aula só para todos pode ser de difícil preparo". Apesar do desafio da heterogeneidade da turma em suas dificuldades educacionais, aceitamos o desafio e preparamos e aplicamos aulas para essa turma.

Para o planejamento das aulas, focamos nossa atenção primeiramente nas matérias base que os alunos já trabalhavam no laboratório de informática o português e a matemática.

A primeira aula, preparada e antes de ser aplicada foi analisada pelo professor "E", se intitula "Produção Coletiva de texto, criando uma história." Para tal aula, solicitou-se junto a coordenação, o retroprojeter da escola e instalou-se o mesmo no laboratório a fim de que todos pudessem visualizar a projeção. A projeção na parede da sala mostrava a imagem de uma raposa e outra imagem de um fazendeiro alimentando suas galinhas. A intenção era instigar os alunos a fazer sua própria história.

Os alunos foram chegando na sala e logo perguntaram ao professor "E": "professor, para que essas imagens?" o professor explicou que os estagiários seriam os professores nesse dia e nós começamos a explicar que trabalharíamos com histórias. Foi perguntado quem conhecia de cor alguma história ou conto e os alunos ainda receosos responderam que não conheciam. Para servir de exemplo, mostramos no retroprojeter o conto "A cigarra e as formigas" uma história de trabalho duro e preguiça. Primeiramente lemos para a turma a história, momento o qual eles ficaram bastante interessados e atentos, e logo após discutimos a moral da história e sanamos dúvidas quanto ao conteúdo do texto. Foi um momento divertido pois alguns alunos se identificaram com a formiga e outros com a cigarra.

Em um segundo momento, explicamos que faríamos nossa própria história utilizando aqueles personagens projetados, a raposa e o fazendeiro. Imediatamente o aluno Paulo R começou a contar raposa ele nunca viu, mas que cachorro na chácara do tio dele ataca e come as galinhas. Nesse momento foi decidido então mudar a raposa pra cachorro e adaptar nossa história. Essa escolha do cachorro foi uma decisão compartilhada e concordada com todos os alunos, visando uma perspectiva Paulo Freireana, de levar em conta a realidade e a cultura do aluno, resolveu-se adotar o cachorro no lugar da raposa. Pedimos para que o Paulo R

começasse já que havia se pronunciado e de forma tão entusiasmada. Paulo R começou e fomos escrevendo de forma que aparecesse no retroprojeto. Após Paulo R, fomos perguntando a cada um dos cinco alunos presentes, como continuariam a história, alguns com mais dificuldades e outros com menos foram participando e os professores auxiliando na montagem da coesão. Por fim a história obtida foi: " Era uma vez um cachorro e um fazendeiro. O cachorro que se chamava totó adorava pular o galinheiro e comer as galinhas do fazendeiro. / Até que um dia o fazendeiro se zangou e preparou uma armadilha para o cachorro. / No dia seguinte quando totó tentava pular o galinheiro, disparou a armadilha que o prendeu de cabeça pra baixo em uma corda./ O fazendeiro então disse: "-Te peguei". Totó desesperado começou a se explicar: -Me desculpa senhor, é que eu não tenho casa e estou com fome. / O fazendeiro então ficou com pena do pobre totó e resolveu adotá-lo como seu cão de guarda, em troca totó nunca mais precisaria caçar sua própria comida. "

A história foi feita com muita "bagunça", pois os alunos discordavam em muitos pontos e os professores auxiliavam para manter o foco e a coerência da história. Essa "bagunça" se mostrou ser uma rica fonte dialógica de problematização com a turma, que apesar de fazê-la desordenadamente, participava e detinha a vez e voz. Após a construção coletiva, pedimos que os alunos digitassem o texto que estava finalizado na projeção. Por fim liberamos os alunos com a promessa de levar impresso a história que acabaram de escrever e entregar uma cópia para cada um como forma de incentivar a autoria, ou em outras palavras dar poder ao aluno por intermédio do empoderamento do sujeito.

Observou-se nessa atividade, que mesmo sem tocar na máquina em um primeiro momento, o computador, os alunos não tiravam os olhos da projeção, que serviu como um quadro negro do século XXI e como tal, permitiu alterações em tempo real sempre que as discussões sobre um ou outro parágrafo surgiam. Outro ponto a se destacar, foi a utilização da norma culta na escrita do trabalho. Apesar de algumas vezes os alunos citarem a palavra de forma coloquial, que também não é errada na fala, no momento da escrita o professor na projeção tomava o cuidado de digitar segundo a norma culta, como forma de incentivar o uso da língua portuguesa escrita, em momentos de ensino e aprendizagem e trabalho, com o uso da norma culta.

Empolgados com a primeira aula, recebemos o desafio do professor "E" em preparar para outra semana a disciplina matemática, já que fazia parte das aulas e

não havia sido abordada nesse primeiro momento. Preparamos e aplicamos então a aula voltada para a realidade, intitulada "Fazendo compras".

Para essa atividade levou-se folhetos de supermercado para o laboratório de informática e distribuiu-se para os alunos. Pediu-se para que circulassem aqueles produtos que eles queriam levar para sua casa naquele dia. Limitou-se a cinco o número de produtos. Após as escolhas, que foram diversas e levaram 10 minutos para serem feitas, foi solicitado que os alunos abrissem o Excel em seus microcomputadores. Demonstramos e auxiliamos a cada um dos alunos como proceder. Após a abertura pediu-se que listassem de cima para baixo os valores ou preços dos produtos que escolheram. Após a listagem, pediu-se então que listassem novamente, mas dessa vez em uma folha de caderno, a fim de realizarem as contas da forma tradicional que trabalham em sala de aula. Alguns alunos tiveram dificuldades, principalmente com os números quebrados dos produtos, pedimos então que alterassem para o número inteiro mais próximo. Auxiliamos os alunos na conta, principalmente dois que não sabiam fazer contas e estavam até meio relutantes em participar da atividade, mas após o auxílio se empolgaram. Mostrou-se nesse momento, mais uma vez, que a presença dos estagiários na docência compartilhada foi preponderante para o processo de ensino e aprendizagem desse alunos. Enquanto um professor aplicava as atividades, outro professor e a estagiária intervinham nos alunos com dificuldades e sanavam dúvidas e mais importante nesse caso, encorajavam os alunos a fazer a atividade.

Ao fim dos cálculos pediu-se que os alunos escrevessem a formula no Excel a fim de caracterizar a SOMA das células selecionadas. Com alguma dificuldade e ajuda dos professores, foram feitas as somas. Os alunos ficaram surpresos com a soma aparecendo tão rápido ao final das listagens, e se divertiram comparando quem gastou mais.

Faltavam então alguns minutos de aula, momento em que conversamos sobre a importância de preparar uma lista de compras e comparar os preços antes de comprar qualquer produto, como forma de economia doméstica e pessoal. Uma das alunas disse nesse momento: "professor, eu sempre ajudo minha mãe nas compras mas nunca tinha pensado em pesquisar, sempre compramos no mesmo lugar não importa o preço". Essa frase demonstrou e validou a importância da aula, que por meio da interdisciplinaridade, da matemática, informática e economia doméstica

possibilitou aos alunos adquirirem conhecimentos de forma lúdica e não tradicional.

4.3.2 Relato da Docência no laboratório de informática da Escola EJA Y

A primeira experiência no laboratório de informática foi trabalhar a matéria: coordenação motora e digitação, tendo em vista a solucionar algumas dificuldades encontradas pelo professor.

A aula de informática é lecionada todas as sextas-feiras e conta com alunos interessados de todas as fases do EJA. Os alunos que querem fazer a aula de informática, basta aparecer no laboratório as 20h e 30min, após o intervalo, e participar das atividades. Com isso muitos alunos resolvem não participar das aulas, alguns por quererem ir embora mais cedo e outros por não gostarem ou terem medo da tecnologia.

A aula iniciou-se as 20h e 40min com todos os alunos acomodados nos computadores. Nesse dia apenas 16 computadores estavam em funcionamento, o que obrigou os 28 alunos dividirem alguns dos computadores, formando assim duplas.

No primeiro momento o professor pediu que os alunos abrissem o gimp linux⁷ e clicassem no link que tem letra **A** fazendo assim que o programa aceitasse a digitação. Alguns alunos tiveram dificuldades em manusear o mouse, outros, muita facilidade, mas com calma e ajuda dos estagiários todos conseguiram abrir o programa e preparar para a digitação. Após todos abrirem o modo digitação o professor pediu que os alunos escrevessem algo, porém não especificou o que deveria ser escrito, causando dúvidas nos alunos. A estagiária Carol⁸ opinou que escrevessem uma carta de amor ou amizade, sendo aceita assim pelos alunos. As duplas escreviam alternadamente as palavras de modo que ao final fizesse sentido.

⁷ O Linux é um Sistema Operacional Livre e de código aberto idealizado por Linus Benedict Torvalds, então aluno da Universidade de Helsinque Finlândia.

⁸ Trabalho de Estágio profissional realizado em parceria com a graduanda da UnB Caroline Poly Chrissante e que proporcionou o presente trabalho de pesquisa e o da Caroline - CHRISSANTE, Caroline Poly. Reflexões sobre o ensino regular e o ensino especial na educação de jovens e adultos. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2015.

Enquanto os alunos escreviam, o professor e os estagiários davam voltas no laboratório analisando o que os alunos estavam realizando e sanando dúvidas.

Como a turma era muito eclética, as dúvidas eram diversas. Maria José, aluna de 64 anos de idade participante da 1ª série do EJA mostrava muita dificuldade em digitar e principalmente em completar a palavra de forma correta. Já Elias teve dificuldade em juntar as frases de modo a fazer sentido no mini texto.

O professor de informática não se preocupava em corrigir erros de português, o que causou estranheza dos estagiários, mas somente em auxiliar no manuseio da maquina e do gimp.

Dois alunos da ultima fase do EJA entraram na sala apenas para acessar a Internet, sendo frustrados pois a rede não estava funcionando neste dia.

Após 1h e 15m de aula, digitando e apagando para treino, os alunos cansados começaram a ir embora. O professor orientou que os alunos desligassem as máquinas, assim como aprendido em outras aulas, e estavam liberados. Os alunos pareceram gostar bastante da aula, por ser mais leve para uma sexta-feira a noite.

Ao fim das atividades nos colocamos a disposição do professor para lecionarmos algumas aulas no laboratório, já que o estágio referido exigia a docência. O professor recebeu com bons olhos tal pedido e informou que em duas semanas ele liberaria o laboratório para trabalharmos conteúdos programados por ele com seus alunos.

Para preparação da docência observamos o conteúdo que o professor havia nos passado e identificamos, a partir de conversas com o professor, nosso caminho nas semanas seguintes. Continuamos com a programação do professor, mas disponibilizamos nossa maneira de passar as atividades, que foram aceitas e auxiliadas ou assistidas pelo professor.

A primeira aula foi "Criar e-mail". A aula começou após o intervalo, e orientamos os alunos a abrirem o navegador nos computadores. Nesta aula apenas 4 alunos precisaram sentar em duplas, pois os computadores que estavam em manutenção na aula anterior estavam em funcionamento nesta semana.

Muitos alunos não sabiam o que era navegador, explicamos que é um programa que permite que o computador se conecte à Internet, mas que para que isso fosse possível era necessária uma conexão com a rede, previamente configurada.

Explicamos isso, pois alguns alunos perguntaram se apenas comprando o computador conseguiriam acessar a Internet, então contextualizamos esta explicação.

Fomos aluno a aluno, orientando como abrir o navegador e escrevemos no quadro o site do Hotmail, pois tínhamos o objetivo de criar email para os alunos. Quando todos os alunos estavam na página correta, fomos ao quadro e perguntamos quem tinha *e-mail*, apenas 1 aluno levantou a mão. Explicamos a importância do *e-mail* como meio de comunicação, e mostramos que muitas vezes o *e-mail* é uma possibilidade para enviar currículos para empresas e assim conseguir novos empregos. Desta forma despertamos o interesse dos estudantes.

Pedimos para os alunos clicarem na opção de cadastro no site, e nós e o professor fomos passando de aluno em aluno verificando se eles estavam no local correto. O aluno que já tinha *e-mail* foi recrutado para nos ajudar.

Orientamos a eles que completassem os dados pedidos. Os alunos mais idosos começaram a reclamar, dizendo não querer entregar seus dados pros bandidos da Internet, que já tinham visto na televisão que muitas pessoas levavam golpes na Internet e que as pessoas roubavam a identidade dos outros pela Internet.

Explicamos que os dados que são roubados na Internet são outros tipos de dados, como números de cartão de crédito, e que são coisas que acontecem quando o computador foi invadido por hacker e estão com vírus. Ressaltamos a importância de não fornecer dados como RG e CPF para ninguém, não só na Internet, como também por telefone, etc.

Muitos alunos estavam sentindo dificuldade em completar o cadastro, mas com a nossa ajuda, e a ajuda do aluno que já possuía *e-mail*, pouco a pouco foram conseguindo completar. A conexão da Internet está instável, e caiu algumas vezes, o que deixou alguns alunos irritados, fato que provocou risadas da turma pois uma aluna, de forma bem coloquial expressou sua indignação para a turma toda quanto a lentidão da Internet de uma forma engraçada.

Outro momento que os alunos apresentaram bastante dificuldade foi no momento de encontrar um *login* com o nome deles. Explicamos que algumas vezes o nome que a gente quer já está em uso por outro usuário, mas que quando colocamos um número ou ponto fica mais fácil de diferenciar e ser aceito pelo provedor.

Ao final da aula todos os alunos tinham seus *e-mails* pessoais. Explicamos como eles conseguiriam acessar ao email e falamos que na aula seguinte o professor iria ensinar como escrever um email para um colega.

Matéria trabalhada: Enviar *e-mail* e utilizar o navegador

Como combinado na aula anterior, o professor com a ajuda dos estagiários orientaram os alunos a abrirem o navegador e digitassem na barra de endereço o site para acessarem seus *e-mails* pessoais, criados na aula anterior.

Alguns alunos que estavam nesta aula, tinham faltado a aula anterior, fato que dificultou um pouco a realização da aula planejada. Um dos estagiários ficou responsável em ensinar estes alunos a criarem o *e-mail* pessoal, enquanto o outro estagiário e o professor explicavam como escrever um *e-mail* para um amigo. Nesse momento uma problemática do EJA se mostrou no caminho da docência, pois se não houvesse a docência compartilhada, os alunos faltosos(muitas vezes por cansaço, trabalho ou família) ficariam para trás no conteúdo e perderiam a vontade de continuar.

Durante o planejamento da aula, definiu-se que seria utilizado do aparelho *data-show*, para projetar na parede a tela de um computador, para que desta forma ficasse mais fácil para os alunos saberem o que fazer. Contudo, segundo informações da coordenação, o aparelho não estava disponível, pois outro professor o havia reservado previamente.

Para resolver este problema, o estagiário e o educador tiveram que ficar indo de aluno em aluno, ensinando onde eles deveriam clicar, e o que deveriam digitar. Quando todos os alunos já estavam no site, e com os emails pessoais abertos, inclusive os que não tinham participado da aula anterior, o professor pediu para que todos os alunos escrevessem em uma folha seus emails. Quando todos os alunos escreveram, os estagiários passaram recolhendo os papéis, misturou estes papéis e distribuiu aos alunos novamente.

Foi explicado para os alunos que cada um estava agora com o endereço do email de um colega, e que seria para este colega que eles escreveriam um email. Alguns alunos reclamaram, pois queria escrever para uma ou outra pessoa determinada, mas todos gostaram da ideia de ser por meio de sorteio.

Os estagiários foram de aluno em aluno mostrando onde eles deveriam escrever o endereço do email, e onde deveriam escrever o texto. Uma aluna perguntou o que deveria escrever, e foi respondido que ela poderia escrever o que

desejasse, mas que todos deveriam ter cuidado, pois era como uma carta, e quem o recebesse saberia quem escreveu. Após algum tempo todos os alunos estavam bastante dedicados em escrever o email. Conforme os alunos foram terminando, os estagiários foram em cada computador mostrar como enviar. Explicamos que esta era a forma de se enviar um email e que para que eles enviassem para outras pessoas bastava pegar o endereço.

Quando todos já haviam enviado, mostramos aos alunos como abrir o *e-mail* que eles haviam recebido. Todos ficaram bastante entusiasmados com o resultado, e uma senhora disse que ia falar com os parentes dela, da Paraíba, todo dia desta forma. Essa experiência de troca de *emails* se mostrou uma dialogia da vida, já que nos dias atuais as cartas estão sendo substituídas pelas redes sociais e os *e-mail* que de forma bem rápida diminuem distâncias e estreitam laços.

Para o segundo momento desta aula, os estagiários haviam preparado uma aula para ensinar aos alunos como utilizar o navegador para pesquisas. Pedimos para os alunos digitarem na barra de endereço: www.google.com.br. Muitos alunos disseram que já tinham usado o Google, mas que não sabiam como funcionava. O professor explicou como funciona o sistema de busca na Internet e pediu para os alunos digitarem o que desejassem na caixa de buscas.

Diversos alunos digitaram o próprio nome, e ficaram surpresos com a quantidade de respostas. Nós então explicamos que quando se digita algo no Google, ele busca tudo o que tiver aquele nome e que esteja disponível na Internet. De forma lúdica, os alunos começaram a pesquisar diversas coisas, sempre perguntando aos estagiários se estava escrito de maneira correta. Nós falamos para eles que mesmo quando digitado de maneira errada, o Google é capaz de buscar o que eles estão procurando, e trazendo a forma correta de se escrever. Após esta atividade os alunos foram dispensados.

Partimos então para uma aula que pudesse ajudar os alunos fora de sala de aula. A matéria trabalhada foi "Confecção de um currículo". Achemos importante pois além de trabalhar com as ferramentas do computador, pudemos ensinar como se faz um currículo, ferramenta essa que certamente será útil na vida de muitos alunos.

Primeiramente foi pedido que os alunos abrissem o editor de texto do Linux, o BR Office Writer, e em duplas escolhessem um para ser o sujeito do currículo, já que

não havia computadores para todos os 23 alunos do dia. Alguns alunos informaram que já tinham currículo, então o seu parceiro faria o seu nesse dia.

Pegamos como exemplo um currículo pronto do estagiário Fábio e construímos juntos as partes que o compõem. Ao final os alunos precisavam preencher os seguintes dados: nome, data de nascimento, endereço, telefones, RG, CPF, formação, conhecimentos, experiência profissional e cursos. Muitos alunos ainda tinham dificuldades com a digitação, problema esse detectado e analisado pelos estagiários como sendo falta de prática na maioria dos casos.

Passamos de mesa em mesa sanando dúvidas e auxiliando em quais campos entrariam as formações e informações, fato este que nos mostrou a riqueza de experiências vivenciadas pelos alunos. Todos eles já haviam trabalhado e/ou estavam trabalhando e possuíam experiências que desprezavam como sendo menos importantes, mas após conversa entendiam que toda informação era importante e podia fazer a diferença em um processo seletivo.

Após 1h e 30 minutos de aula os alunos que já haviam terminado de redigir seu currículo foram instigados a mandar os currículos por *e-mail*, tarefa já ensinada em aula anterior, para o colega que o auxiliou, a fim de trabalhar mais uma ferramenta no email, o anexo. Com a explicação e ajuda dos estagiários, 11 alunos mandaram seus currículos, pois um dos alunos que fizeram foi embora antes da aula acabar. Após o envio, os alunos foram liberados. Esta tarefa foi importante pois foi possível observar a empolgação dos alunos ao questionar conhecimentos que eles tinham mas não consideravam importantes, e ao final das discussões e confecções dos currículos os mesmos se sentiram tão importantes quanto deve ser. A presente aula também foi importante pois confeccionou uma ferramenta que será, certamente, utilizada no dia a dia do aluno o currículo, trazendo assim para a educação a realidade dos sujeitos presentes.

4.4 Entrevistas

A análise dos dados da entrevista será discutida de maneira quanti-qualitativa, pois se busca identificar a proporção das opiniões, impressões, respostas e conhecimentos dos professores envolvidos. Busca-se também oferecer informações objetivas e subjetivas que os mesmos pudessem aferir.

As entrevistas (Apêndice 2) ocorreram na última semana de aula, e foi realizada com apenas 5 professores, sendo 2 da instituição X e 3 da Y, escolhidos pelo envolvimento com os estagiários durante a pesquisa. Os professores mostraram-se disponíveis e interessados em participar da pesquisa. A pesquisa foi realizada durante o estágio supervisionado (Projeto 4, fase 1 e 2).

Para analisar as respostas da primeira e segunda perguntas, mais quantitativas, utilizou-se de gráficos a fim de melhor visualização.

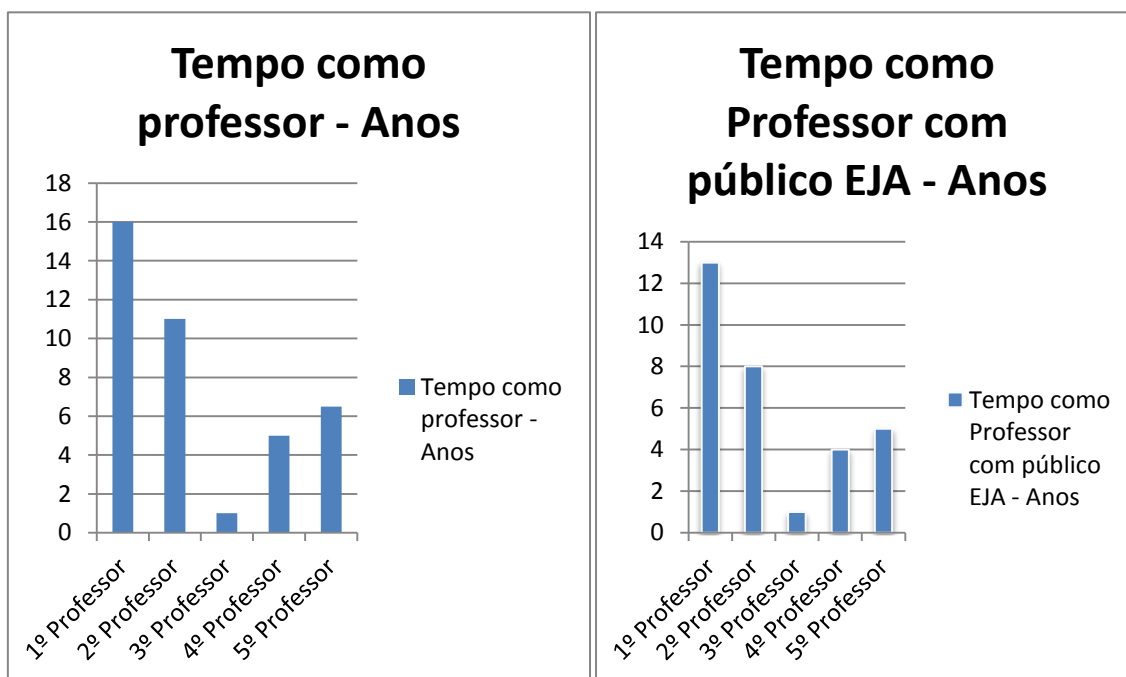


Gráfico 1 e 2 (Tempo como professor; Tempo como professor com público EJA)
Fonte: Chrissante e Meira, pesquisa de campo, 2014.⁹

Visualiza-se claramente que a maioria dos professores fizeram/fazem sua carreira com o alunado jovem e adulto, alguns inclusive relataram que também trabalharam com outra modalidade de ensino mas preferiram trabalhar com esse público por se identificarem mais. Observa-se também na tabulação dos dados que apenas um professor tem pouca experiência como professor, caso específico do professor do laboratório de informática da instituição Y que foi contratado no ano de 2014 e deu início às aulas com o público EJA.

A terceira pergunta visava obter a opinião dos professores quanto a importância do laboratório de informática. Na tabulação desses dados, notou-se que

⁹ Gráficos formados a partir do estágio e pesquisa em conjunto com a graduanda da Universidade de Brasília Caroline Poly Chrissante.

4 dos 5 professores avaliaram como importante e que usam o laboratório ou encaminham seus alunos para as aulas no laboratório. A professora que citou não achar importante ressalta seus motivos, e para efeito do trabalho julgou importante destacar sua fala: "- Não levo meus alunos à aula de informática pois acredito que temos pouco tempo para passarmos o conteúdo programático semestral, e aula de informática faz quem quer". Com essa fala identifica-se uma problemática visível do ensino do público EJA, o pouco tempo para uma carga grande de conteúdo. Já o professor de informática, opinião mais controversa da primeira professora registrada, diz que: "- É importantíssimo para o desenvolvimento psicomotor do aluno e deve ser considerado para ajudar os conteúdos da sala de aula."

A quarta pergunta diz respeito a opinião dos docentes quanto a importância que a escola dá ao laboratório de informática. Analisando os dados, verificou-se que todos os indivíduos entrevistados tiveram opiniões parecidas quanto a esse tema, identificando que a direção e outros órgãos superiores demonstram se importar com o laboratório e querem que sua utilização aumente. O professor de informática da escola X revelou que a escola estuda um projeto de abrir as portas do laboratório para a comunidade e realizar oficinas digitais e de acesso a Internet, demonstrando assim o respeito e compromisso que a direção dá ao dinheiro público investido nessa área.

Na quinta pergunta, a intenção era identificar se os laboratórios estavam, de acordo com os professores, em boas condições de *hardware* e *software* para abrigar suas aulas, caso assim quisessem realizá-las nessa instância. Todos os professores relataram que sim, apesar de apenas 3 utilizarem os computadores em suas aulas, sendo 2 destes os professores do laboratório de informática. Essa pergunta revelou um dado importante, citado inclusive em outras pesquisas, que é o professor que mais utiliza o computador é aquele que recebeu algum tipo de treinamento prévio do uso da máquina. Talvez por medo ou por preguiça acadêmica, os professores tem deixado novas tecnologias para especialistas, fato que tem atrasado processos educacionais e evoluções no ramo da educação.

A sexta pergunta é sobre a quantidade de computadores na escola. Nesse quesito nenhum professor concordou que sejam satisfatórias. Todos afirmaram que existe uma boa quantidade, porém insatisfatória para a quantidade de alunos da escola. O professor do laboratório de informática da escola Y relatou o seguinte: - "Nossa escola não recebe todos os alunos, só recebemos as sextas feiras aqueles

que se interessam, que gira em torno de 20 a 40 alunos da escola, coisa que poderia mudar se tivéssemos mais computadores." A análise que foi feita a partir dessa resposta foi em relação a quantidade de aulas do laboratório na semana, apenas uma, e principalmente a não obrigatoriedade de presença nesse momento pedagógico importante. Percebe-se que os alunos que vão as aulas de alguma forma estão se beneficiando de uma ferramenta educacional que aqueles que por algum motivo, medo, cansaço ou falta de tempo estão perdendo.

A sétima pergunta refere-se ao preparo para lidar com as novas tecnologias na escola. Observou-se que dos 5 professores 3 receberam algum treinamento técnico de como utilizar a máquina. Os 2 que não receberam relataram que a Secretaria de Educação de tempos em tempos realiza treinamentos mas focado em professores que queiram ou trabalham com a tecnologia computador.

A oitava e última pergunta, indagava aos professores sugestões para uma melhor utilização do computador na escola. Este dado identificou-se importante demonstrar a opinião individual de cada um dos entrevistados.

Entrevistado 1 - O computador é importantíssimo para uma inclusão digital dos alunos EJA. O governo deve incentivar cada vez mais oficinas de inclusão digital nas escolas públicas, principalmente para quem não tem acesso em casa.

Entrevistado 2 - O uso do computador é necessário a uma educação completa, mas precisa de reparos quanto a carga horária e aproveitamento de conteúdos curriculares. Minha sugestão é aumentar a carga horária e fundir laboratórios e sala de aula.

Entrevistado 3 - Incentivar o aluno a realizar pesquisas na escola utilizando tanto a biblioteca quanto o laboratório de informática.

Entrevistado 4 - Não tenho sugestão, mas espero que continue evoluindo e acompanhe a sociedade.

Entrevistado 5 - Levar as aulas de informática para todos da escola, independentemente se o aluno quer ou não. O conteúdo digital é tão importante quanto outros curriculares, pois vai estar presente na vida do aluno tanto quanto a matemática.

Analisando as respostas listo aqui os problemas encontrados pelos relatos dos professores: Incentivo governamental, atualização curricular e de carga horária, obrigatoriedade das escolas em lecionar conteúdos no laboratório de informática e inclusão digital aos alunos e a sociedade ao redor da escola. São

respostas importantíssimas e que vem corroborar com a importância do uso dos computadores no dia a dia escolar.

4.5 Questionários

O computador já se tornou uma ferramenta poderosa e que atua em todas as áreas das nossas vidas, e a educação também necessita se adequar à estas mudanças que estão acontecendo.

O público EJA, no decorrer de sua história, sempre vivenciou grandes dificuldades, e a tecnologia é uma forma de superar todos os obstáculos que ainda surgem. A utilização de computadores no ensino de jovens e adultos seja ela um ensino técnico - de como utilizar a máquina, ou ligado aos conteúdos ministrados proporciona uma atualização tecnologia, a fim de evitar mais esta exclusão na história deste alunado.

O uso do computador na educação de jovens e adultos se mostrou de forma bem clara, comprometida com a mudança de paradigmas na educação. A maior dificuldade dos educadores quanto às novas tecnologias, em especial o computador, não é mais a instrumentação, ou seja, em sua maioria temos bons laboratórios e professores capacitados, mas sim a metodologia e criação de materiais e atividades no laboratório de informática que corroborem com a sala de aula ou com a realidade dos alunos. O Público EJA especificamente demonstrou estar interessado em se atualizar na ferramenta computador para não ficar para trás no mercado de trabalho e na vida cotidiana.

Em decorrências das experiências citadas pode-se identificar a importância do uso das tecnologias no dia a dia dos educandos EJA, principalmente no que diz respeito a relação conteúdo de sala de aula e novas formas de abordagem. Muitos desses alunos têm uma aula cansativa durante a semana e têm no laboratório de informática momentos de diversão e instrução muitos ricos.

Pudemos identificar nos seguintes gráficos, que foram tabulados a partir de questionários aplicados com 10 alunos de cada instituição estudada, que a maioria deles gosta das aulas de informática / aulas no laboratório de informática. Referente a pergunta: "O que você acha das aulas de laboratório de informática?".

As respostas dos alunos foram separadas por instituição e agrupadas entre aqueles que achavam positiva as aulas no laboratório e os que não achavam positiva. Os alunos responderam assim:

Experiências no laboratório de informática:

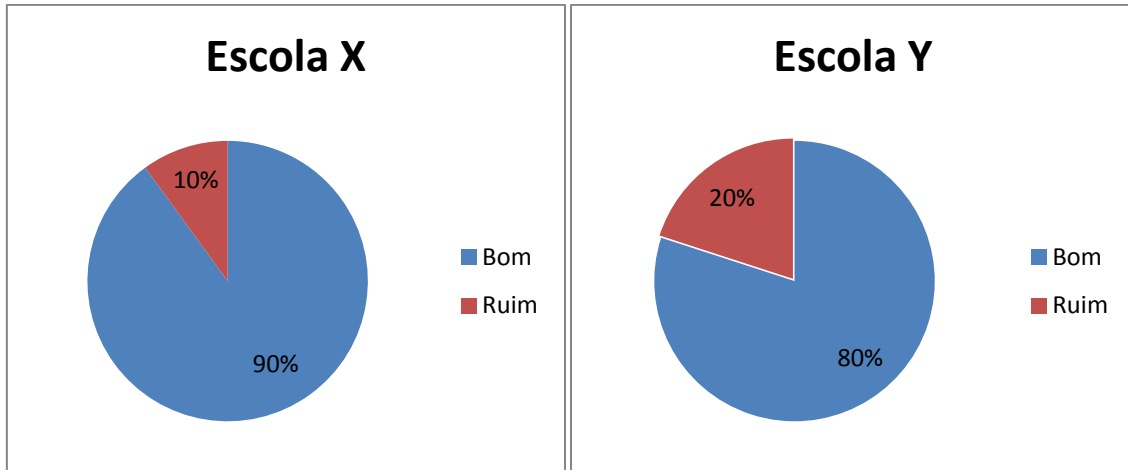


Gráfico 1 e 2 (Experiências no laboratório de informática)
Fonte: Chrissante e Meira, Pesquisa de campo, 2014.

Ainda sobre a importância do uso de tecnologias para o público EJA, e utilizando-se dos questionários, pôde-se identificar que muitos alunos têm contato diário com algum tipo de tecnologia. No gráfico a seguir, foram tabulados em forma conjunta, dados dos alunos da instituição X e Y a fim de representar o contato do EJA em geral. O campo não utiliza tecnologia no trabalho ficou em maioria, pois 100% dos alunos da instituição especial X não trabalham.

Instrumentos Tecnológicos utilizados no trabalho

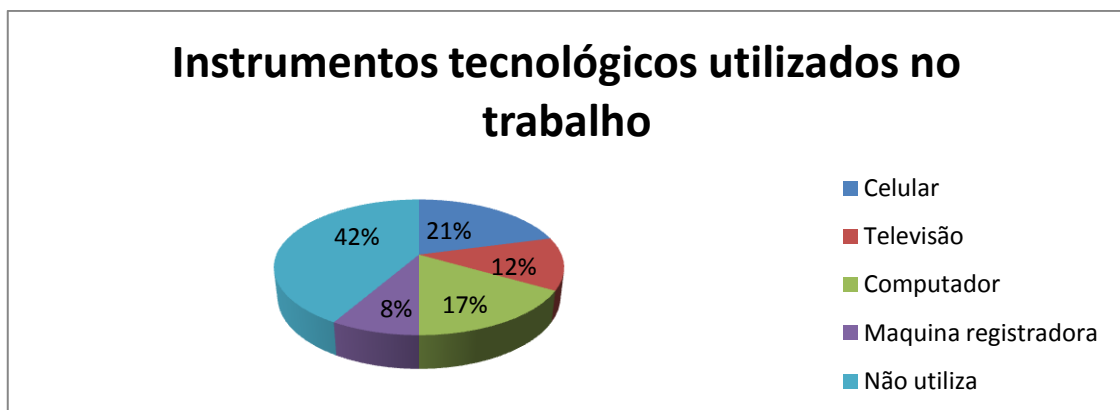


Gráfico 3 (Instrumentos Tecnológicos utilizados no trabalho) Fonte: Chrissante e Meira, Pesquisa de campo, 2014.

Com relação a diferenças e semelhanças, a mais gritante e importante foi a do ensino dos conteúdos disciplinares na instituição X (ensino especial) e de ensino técnico de informática na instituição Y (EJA regular noturno). Essa diferença se dá devido a construção do Projeto Político Pedagógico de cada instituição que preteriu uma forma de ensinar em relação a outra.

Por meio de entrevistas com os professores pôde-se identificar o porquê dessa decisão na construção do PPP. De acordo com o professor Edson, "a instituição X tem como objetivo formar o aluno especial como um ser completo e não como operador do computador, logo o ensino de conteúdos aliados ao manuseio da máquina é importante". De acordo com a professora Andréia da instituição Y "essa escolha se deu, pois o projeto dos computadores no EJA ainda é novo o que necessitaria de mais tempo, que o público EJA não tem, e melhor preparo de *softwares* no laboratório. Devido a esses problemas o ensino técnico e preparador para o trabalho vem se mostrando interessante para os alunos que não conhecem o computador".

Por fim, optou-se por tabular apenas esses dados por serem dados essenciais à pesquisa, referentes ao uso do computador em ambas as escolas. Percebe-se que as perguntas aqui tabuladas foram suficientes para problematizar e responder algumas questões que o presente trabalho procurou trazer para análise.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de jovens e adultos vem se mostrando comprometida em evoluir, apesar de demonstrar historicamente uma defasagem quanto à legislação, os professores em geral demonstram vontade de mudança. O computador surge então como uma tecnologia para ajudar no dia a dia docente, a fim de quem sabe acabar com o pragmatismo de alguns professores.

Com as observações relatadas nessa pesquisa foi possível identificar que o computador, seja para educação técnica digital ou para auxiliar nos conteúdos programáticos, é uma ferramenta importante de luta contra uma educação bancária, que apenas deposita o conteúdo no aluno. O público EJA demonstrou estar disponível às novas tecnologias, apesar do receio de errar se incentivados participam e vão tão bem quanto qualquer outro público.

Outro ponto importante a relatar são as dificuldades encontradas pelos educadores. Identificou-se que a maior dificuldade não é com relação a infraestrutura e nem falta de treinamento docente, mas sim o tempo que o público EJA dispõe em seu currículo que inviabiliza em alguns momentos o uso do laboratório de informática.

O uso do computador nas escolas EJA, tanto no público especial quanto no regular vem aumentando. Esse aumento pode ser explicado pela pressão tecnológica vivida por esse público, que não nasceu com o computador na mão, mas sim teve que correr atrás do conhecimento para se atualizar. No público especial da escola X analisou-se que as aulas no laboratório eram mais contextualizadas e conectadas com a sala de aula. Fato esse que não se verificou na escola Y, predominantemente de ensino técnico do uso da máquina no laboratório. Tal diferença explica-se pelo uso que cada instituição propôs ao laboratório, que enquanto em uma escola é apenas uma aula semanal e técnica na outra encontra-se na grade curricular e dispõe de mais tempo semanal.

Os laboratórios pesquisados mostraram ser um importante local de conhecimento para os alunos, que relataram a importância para eles de estarem em contato com o computador na escola, já que alguns deles não têm contato diário com a máquina em casa. As atividades realizadas no laboratório levam a crer que

uma educação que não evolui, que não se apropria dos meios tecnológicos disponíveis na atualidade, está fadada a padecer em seu pragmatismo, não estando assim lado a lado com as necessidades da sociedade, tanto mercadológicas quanto pessoais.

Por fim verificou-se que tanto o corpo docente quanto o discente demonstraram um interesse grande no sentido de continuar com os laboratórios e atualizar cada vez mais o uso do mesmo em realidades educacionais e de lazer da sociedade e do público EJA. O computador é mais uma ferramenta tecnológica que vem para atualizar e ajudar na práxis do professor e dar suporte para uma educação menos pragmática e mais libertadora. De acordo com Freire (1999) a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é a prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

Recomendações

Durante a realização do presente trabalho, diversos contratempos foram vivenciados. Um deles foi a mudança de local de pesquisa, que inicialmente seria feita apenas na escola especial X, mas que após algumas análises optou-se por estudar outro grupo EJA a fim de verificar outras realidades também, o que se mostrou de uma riqueza enorme também.

O presente trabalho limitou-se a responder questões sobre o uso do computador e sua aceitação pelos professores e alunos e comunidade escolar. Para pesquisadores que queiram seguir por este tema, recomenda-se que estudem outras relações com o computador, relativas à efetividade da capacitação docente para o uso da máquina e atualização de *softwares* nas instituições que receberam computadores.

Recomenda-se também que os futuros pesquisadores foquem seus olhares em outras tecnologias como o tablet e smartphones que com seus APPs (aplicativos móveis) estão atualizando o modo de estudar remotamente. O público EJA demorou a ter acesso ao computador; espera-se que as outras novas tecnologias estejam cada vez mais disponíveis a este alunado.

Outra recomendação importante é dispor de mais tempo para a pesquisa a fim de aplicar as entrevistas e questionários a um público maior e assim ter respostas mais precisas. Quem sabe um estudo a nível estadual não fosse interessante para identificar falhas e acertos com o uso do computador e outras tecnologias.

Uma recomendação importante também seria para a Secretaria de Educação do Distrito Federal no que tange a obrigatoriedade do aluno ter acesso ao computador no âmbito escolar, coisa que se mostrou opcional na escola Y no presente trabalho.

Recomenda-se também a graduandos do curso de pedagogia da Universidade de Brasília, que levem em conta seus projetos(I, II, III, IV e V) na escrita e percepção do trabalho de conclusão de curso. Muitos caminhos já foram trilhados, basta apenas escrever e sistematizar o conhecimento em uma pesquisa científica. E que na medida do possível, tentem focar seus esforços, desde o começo do curso, em uma área de interesse e se mantenham fiel a elas até o fim.

Por fim, espera-se que um dia o Brasil seja um país que respeite ainda mais seu público EJA e dê mais atenção a esse alunado, a fim de providenciar algum conforto no estudo e aumente a qualidade da carga horária que hoje em dia se mostra baixa e insuficiente. Políticas públicas e o estudo de seus impactos se fazem necessários a fim de garantir ao EJA o acesso a todas as tecnologias que outras modalidades já adquiriram há tempos.

REFERÊNCIAS

BELESK, Adriana Maria Almeida; SIQUEIRA, Magda Alves Costa. **A produção, interpretação e memorização dos alunos da EJA**. Anápolis: UnB, 2010. (Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA). Faculdade de Educação Universidade de Brasília (UNB) / Universidade Aberta do Brasil (UAB/ MEC/SECAD). Disponível em : http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5742/1/2010_AdrianaMariaAlmeidaBelesk_MagdaAlvesCostaSiqueira.pdf. Acesso em: 29 de dez. 2014.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola**: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2010.

BORDIGNON, Genuino; VINHAES, Regina. Gestão da Educação: o município e a escola IN: FERREIRA, Naura Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Orgs). **Gestão da Educação**: Impasses, perspectivas e compromissos. São Paulo: Cortez, 2001. 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Centro Gráfico, 1988. 292 p.

_____. Presidência da República. **Decreto Nº 3.956**, de 08 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Acesso em: 20 de fev. De 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/decreto/2001/D3956.htm>

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases Nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 15 de ago. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

_____. Conselho de Educação do Distrito Federal. **Resolução 01/201 de 11 de setembro de 2012**. Estabelece normas para o Sistema de Ensino do Distrito Federal, em observância às disposições da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Acesso em: 21 de Nov. de 2014 Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/linkpag/resolu%C3%A7%C3%A3o_01_2012_cedf.pdf

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Adaptações Curriculares: Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Brasília: SEEDF/MEC, 2000.

CARTOLANO, Maria Teresa Penteado. Formação do educador no curso de Pedagogia: a educação especial. **Cad. CEDES** [online]. 1998, vol.19, n.46, pp. 29-40. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000300004>.

CETIC. **Pesquisa TIC Educação 2013**. (Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras). São Paulo:– Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br), 15 de julho de

2014. Disponível em: <http://cetic.br/media/analises/tic-educacao-apresentacao-2013.pdf>. Acesso em 02/01/2015.

DANTAS, Aline Cristina de Lima. **Fóruns EJA: Mobilização na luta pelo direito à educação de jovens e adultos**, 2010. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_1739.pdf Acesso em 02/01/2015.

DEMO, Pedro. **Educação Hoje: “Novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Editora Atlas S. A. - 2009.

FÁVERO, Osmar. Lições da história: avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições de analfabetismo no Brasil. In: SAMPAIO, Marisa Narcizo. **Educação de jovens e adultos: uma história de complexidade e tensões**. Vitória da Conquista, 2009. Acesso em: 01 de out. de 2014. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/241>

FERRARI, Carlos Gilberto Melchior Rodrigues Sansalone. **O surgimento da informática e sua chegada ao Brasil**. Portal Educação, Seção Artigos/ Tecnologia e Sociedade, 15 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/iniciacao-profissional/artigos/47410/o-surgimento-da-informatica-e-sua-chegada-ao-brasil##ixzz3Vc5coR34>. Acesso em 19/11/2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 143 p.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LINO, Rampazzo. **Metodologia científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MACHADO, João Luís de Almeida. **Tecnologias Educacionais: O que são? Para que servem?** Sistema de Ensino Poliedro, 2010. Disponível em: [http://sistemapoliedro.com.br/sep/artigos/pdf/Artigo_O%20que%20s%C3%A3o%20Tecnologias%20Educacionais_\[Jo%C3%A3o%20Luiz%20Machado\].pdf](http://sistemapoliedro.com.br/sep/artigos/pdf/Artigo_O%20que%20s%C3%A3o%20Tecnologias%20Educacionais_[Jo%C3%A3o%20Luiz%20Machado].pdf). Acesso em 1 de outubro de 2014.

MEIRA, Fábio Ricardo e CHRISSANTE, Caroline Poly. **Diários de Classe**. (Curso de Pedagogia - Projeto 4 Fases 1 e 2). Brasília: Faculdade de Educação da UnB, 2013 e 2014. (mimeo)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: SEESP, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Especial. **Declaração de Salamanca** :Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Acesso em 30 de dez. 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária. - 1999.

OLIVEIRA, Marco. **Os Fatores Relacionados À Aprendizagem, Ao Fracasso Escolar E À Educação Especial**. Publicado no Recanto das Letras em 23/06/2008- Reeditado em 18/09/2011. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/resenhasdelivros/1047262>. Acesso em: 23/05/2014.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Set./Out./Nove./Dez.1999, n. 12, p. 59-73.

ORTH, Miguel Alfredo; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas; SARMENTO, Dirléia Fanfa. Formação continuada de professores em informática na Educação Especial: análise de dissertações e teses. **Revista Brasileira de Educação Especial**., Marília , v. 17, n. 3, dez. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382011000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 nov. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000300010>

PAULA, Kely Maria Pereira de; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Avaliação assistida e comunicação alternativa: procedimentos para a educação inclusiva. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília , v. 13, n. 1, abr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382007000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 nov. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382007000100002>.

PORCARO, Rosa Cristina. **A história da educação de jovens e adultos no Brasil**. Acesso em: 17 de Nov. 2014. Disponível em: https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/09/porcaro_historiaejanobrasil.doc.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão et al. (coordenação e texto final). **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental**: Proposta curricular – 1º segmento. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf> . Acesso em: 02 de Nov. de 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry, **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. – 9. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

RODRIGUES, David; LIMA-RODRIGUES, Luzia. Formação de professores e inclusão: como se reformam os reformadores?. Curitiba: **Educar em Revista**. n. 41, set. 2011 ISSN 0104-4060. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n41/04.pdf>

O número completo da revista está disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-406020110003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 06 nov. 2013.

SAMPAIO, Marisa Narcizo. **Educação de jovens e adultos**: uma história de complexidade e tensões. Vitória da Conquista, 2009. Acesso em: 01 de out. De 2014. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/241>

SCALCON, Suze. O Pragmatismo Epistemológico e a Formação do Professor. **Revista Percursos**. v.9, n.2, 2008. Florianópolis – SC: UDESC: Acesso em 05/03/2015. Disponível em:
<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1576>

PAPERT, Seymour M. **Logo: Computadores e Educação**. São Paulo, Editora, Brasiliense, 1985 (edição original EUA 1980)

SOARES, Leônicio José Gomes. O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir. In: PORCARO, Rosa Cristina. **A história da educação de jovens e adultos no Brasil**. Acesso em: 17 de Nov. 2014. Disponível em: https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/09/porcaro_historiaejanobrasil.doc.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. Campinas: **REVISTA HISTEDBR On-line**. n.38, p. 49-59, jun.2010 - ISSN: 1676-2584. Acesso em: 17 de Nov. 2014. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf

VALENTE, José Armando. **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1999.

UNICEF, **Declaração Mundial sobre Educação para Todos** (Conferência de Jomtien – 1990). Disponível em:
http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm. Acesso em 30 de dez. 2014.

MEC - **ProInfo Integrado**. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13156:proinfo-integrado&catid=271:seed. Acesso em 02/12/2014.

APÊNDICE 1

Questionário para alunos EJA

Questionário EJA

- 1- Sexo:
- 2- Idade:
- 3- Como é constituída sua família?
- 4- Número de pessoas que trabalham na sua casa?
- 5- Estado civil:
- 6- Qual motivo levou você a parar de estudar?
- 7- Quantos anos você tinha quando deixou de estudar?
- 8- Qual a sua ocupação atual?
- 9- Onde você mora?
- 10 - Por que você voltou a estudar?
- 11 - Por que você escolheu o CEF 08?
- 12 - O que você acha da estrutura da escola?

13-O que você acha dos materiais utilizados nas aulas?

14-Como você faz para chegar a escola? (transporte)

15-Quais temas você gostaria que fossem estudados nesta escola? (Meio ambiente, trabalho, tecnologia etc.)

16-Você lancha na escola? Como você avalia o lanche da escola?

17-O que você acha das aulas no laboratório de informática?

18-Quais instrumentos/equipamentos tecnológicos você utiliza no seu trabalho? (dia a dia)

19-Você acha importante ter conhecimentos tecnológicos?

20-Você usa a Internet? Se sim, o que você acessa/faz?

APÊNDICE 2

Roteiro de entrevista para professores de EJA

- 1 - Há quanto tempo você trabalha como professor?
- 2 - Há quanto tempo você trabalha com o público Jovem e Adulto?
- 3 - Você considera importante as aulas no laboratório de informática?
- 4 - A escola considera importante o uso do computador no ensino e aprendizagem do público EJA?
- 5 - O laboratório de informática de sua escola, permite que você aplique suas aulas satisfatoriamente? (Infra estrutura de *hardware* e *software*).
- 6 - A quantidade de computadores é satisfatória?
- 7 - Foi oferecido cursos para os professores aprenderem a lidar com o computador? Se sim, foi proveitoso?
- 8 - Alguma sugestão para a melhor utilização do computador na escola?

ANEXO 1

Projeto Político Pedagógico da Instituição Especial

A Associação Pestalozzi de Brasília desde 1965 vem atuando no Distrito Federal, acolhendo pessoas com deficiência, sendo uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos que realiza atendimento gratuito a cerca de 135 usuários e suas famílias. São jovens e adultos com deficiências intelectuais e múltiplas, buscando a transição sistemática do ambiente familiar para o convívio social.

O objetivo da instituição é oferecer atendimento integral, das 8h às 17h, gratuito e especializado.

A Associação Pestalozzi de Brasília disponibiliza diariamente atendimento fisioterápico, fonoaudiológico, psicológico, serviço social e enfermagem aos usuários, reforçando noções de cidadania, direito à saúde e educação, tendo a tarefa de traduzir para os atendidos as normas gerais que regem o convívio humano e a bagagem cultural acumulada ao longo das gerações, de modo que estes possam compreendê-las e utilizá-las, favorecendo seu desenvolvimento. Os assistidos recebem três refeições diárias (café da manhã, almoço e lanche).

Atividades propostas:

1. Setores de Atendimento

1.1. Núcleo Ocupacional;

- Atendimento Familiar
- Aperfeiçoamento Profissional
- Grupo de Convivência e Reflexão
- Educação Física (incluindo hidroterapia)
- Educação Artística

1.2. Programa de oficinas ocupacionais;

- Oficina Sócio Educativa
- Oficina de Arte e Educação
- Oficina Temática
- Oficina de Inclusão Digital
- Oficina de Atividades da Vida diária, Cozinha Experimental
- Oficina de Jardinagem e Hortaliças

(ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE BRASÍLIA , Trecho do

PPP – Texto Completo Disponível em:

<http://pestalozzibrasilia.com.br>)

ANEXO 2

Projeto Político Pedagógico da Escola Regular de EJA

7.OBJETIVOS:

- 7.1 OBJETIVO GERAL: Assegurar que o ambiente escolar seja o espaço onde o educando entenda e desenvolva aspectos biopsicossocial e cultural, respeitando a diversidade, as individualidades, a cultura e o conhecimento social do aluno, construindo um espaço de aprendizagens significativas para o exercício da cidadania, com valores baseados na solidariedade, colaboração, participação, respeito e autonomia individual e coletiva.
- 7.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS:
- Incentivar a leitura como alternativa para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.
- Oferecer aos alunos ANEES recursos e materiais didático-pedagógicos adaptados e adequados as suas necessidades.
- Implementar o currículo em movimento de educação básica.
- Planejar projetos interventivos, a partir do diagnostico feito pela comunidade escolar para o bom andamento pedagógico na escola.
- **Trabalhar as ações didático-pedagógicas de forma transdisciplinar levando sempre em conta que o ser humano é multicultural, único e inacabado.**
- Promover momentos pedagógicos capazes de gerar reflexão sobre conduta moral e social, considerando experiências, cenas urbanas, notícias e acontecimentos próximos a realidade dos alunos.
- Buscar a família para participar com efetividade da vida escolar do aluno, a fim de assegurar uma linguagem aproximada no processo educativo.
- Desenvolver projetos interdisciplinares sobre drogas, territorialidade, indisciplina escolar, relações interpessoais, ética e cidadania.

- Fundamentar o atendimento da Orientação Pedagógica os alunos encaminhados, colaborando para o bom rendimento escolar e autoestima do educando;
- Difundir questões sobre educação inclusiva, por meio de projetos ligados ao tema, com o intuito de informar, sensibilizar e oportunizar discussões construtivas, dentro e fora da escola.
- Organizar eventos culturais, gincanas, feiras, campeonatos internos, estimulando o aluno a manter uma forte conexão e interação com a escola.
- **Trabalhar com projetos específicos para o segmento EJA, buscando encorajar e contribuir de modo que o aluno persevere em sua formação acadêmica, diminuindo assim, sua evasão escolar.**
- Diminuir a repetência e a evasão escolar.

7.3 ESTRATÉGIAS:

- Implantar os projetos formação de leitores, xadrez e “drogas-tô fora”.
- Organizar intervenções junto ao SOE e OE, como tema “gentileza gera gentileza”.
- Construir o regimento interno da escola de forma participativa.
- Programar uma formação para trabalhar com as situações de risco, indisciplina escolar, violência e relações interpessoais dentro e fora da escola.
- **Proporcionar momentos pedagógicos para que a comunidade escolar apresente a sua construção pedagógica para a comunidade escolar.**
- Integrar ações que diminuam a indisciplina no ambiente escolar.
- Trabalhar valores escolhidos de forma participativa para nortear o trabalho pedagógico da escola.

- Criar um código de conduta para a comunidade escolar.
(BRASÍLIA, DF, Resolução 01/201. Grifos nossos). Versão Completa disponível em:
<http://sumtec.se.df.gov.br/sistemas/ppp/wp-content/uploads/2014/09/ppp-cef08guara.pdf> . Acesso em 12/08/2014.

PARTE III - PERSPECTIVAS FUTURAS

Ao fim deste grande projeto que é a minha graduação, o qual realizei com muito esforço, perseverança e fé, pude crescer como estudante, pessoa e profissional; confesso que me sinto realizado e com grande orgulho de poder dizer a plenos pulmões que conclui meu curso na melhor Universidade do Centro Oeste. Um curso que muito me orgulha, apesar de seu pouco reconhecimento no cenário nacional quanto a valorização do professor.

No período em que estive nessa Universidade, pude construir diversos conhecimentos que me engrandeceram e engrandecem como profissional e que vou levar para a vida toda. Além do aspecto profissional, pude aprender a melhorar meu trato com o Ser humano em sua essência, e trabalhar com o ensino e a aprendizagem, principalmente dos públicos menos favorecidos, o EJA e o ENEE.

Meus projetos profissionais ainda são germinatórios, pois sou muito novo e já possuo uma carreira administrativa em um grande banco público, mas penso em um futuro próximo, participar do concurso da Secretaria de Educação do Distrito Federal e lecionar no período noturno para o público EJA concomitantemente com meu emprego atual. Pretendo atuar ainda na instituição bancária que atualmente trabalho, em áreas educacionais e tecnológicas em que o mesmo permite o acesso, aproveitando minha formação pedagógica em atividades de criação de cursos online e na avaliação da educação corporativa, presentes na Universidade do Banco do Brasil.